

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
CAMPUS DO SERTÃO – DELMIRO GOUVEIA
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

FERNANDO EMANNUEL VICENTE DA SILVA

**BICHO, RATO E BÍPEDE:
PASSADO E PRESENTE DIANTE DO NARRADOR EM CRISE EM *ANGÚSTIA*, DE
GRACILIANO RAMOS**

Delmiro Gouveia

2021

FERNANDO EMANNUEL VICENTE DA SILVA

**BICHO, RATO E BÍPEDE:
PASSADO E PRESENTE DIANTE DO NARRADOR EM CRISE EM *ANGÚSTIA*, DE
GRACILIANO RAMOS**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC
apresentado à Banca Examinadora do Curso de
Letras – Línguas Portuguesa, da Universidade
Federal de Alagoas – UFAL, Campus do Sertão,
como requisito final para obtenção do título de
licenciado em Letras – Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva

Delmiro Gouveia

2021

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

S586b Silva, Fernando Emmanuel Vicente da

Bicho, rato e bípede: passado e presente diante do narrador em crise em Angústia, de Graciliano Ramos / Fernando Emmanuel Vicente da Silva. - 2021.

73 f.

Orientação: Márcio Ferreira da Silva.

Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2021.

1. Literatura brasileira - Romance. 2. Romance de 30. 3. Personagem. 4. Narrador. 5. Angústia. 6. Ramos, Graciliano, 1892-1953. I. Silva, Márcio Ferreira da. II. Título.

CDU: 82-311.1

FOLHA DE APROVAÇÃO

FERNANDO EMANNUEL VICENTE DA SILVA

**BICHO, RATO E BÍPEDE:
PASSADO E PRESENTE DIANTE DO NARRADOR EM CRISE EM
ANGÚSTIA, DE GRACILIANO RAMOS**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC
apresentado à Banca Examinadora do Curso
de Letras – Língua Portuguesa, da
Universidade Federal de Alagoas – UFAL,
Campus do Sertão, como requisito final para
obtenção do título de licenciado em Letras –
Língua Portuguesa.

Aprovado em 15/10/2021.



Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva – UFAL

Orientador

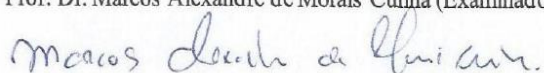
BANCA EXAMINADORA



Profa. Ma. Eliane Bezerra da Silva – UNEAL

Examinadora Externa

Prof. Dr. Marcos Alexandre de Moraes Cunha (Examinador)



Dedico este trabalho a minha mãe Antonina Vicente; a meu irmão Felipe Emmanuel; a meus avós Olavo Martins e Ana Vicente (*in memoriam*) e demais familiares queridos; a minha companheira Camila Rodrigues; ao professor Márcio Ferreira da Silva e aos meus amigos e amigas que a vida me deu, sem essas pessoas este trabalho não seria possível.

AGRADECIMENTOS

Escrever um agradecimento não é tarefa fácil, pois tenho tanto que agradecer e a tantas pessoas que tenho medo de esquecer uma delas.

No entanto, como julgo ser a vida o valor maior, agradeço primeiro a minha mãe Antonina Vicente que me deu a minha vida, que sempre foi para mim o maior exemplo e nunca mediu esforços para eu ir aonde quisesse ir, que me incentivou de todas as formas durante toda a minha vida.

E a vida que anda tão agitada nesses tempos e tão solitária, quis que eu não viesse ao mundo sozinho e quem dividiu comigo a barriga de minha mãe é a segunda a quem agradeço meu irmão Fhelipe Emmanuel, que sempre esteve comigo e é para mim um grande exemplo de coragem, de esperança e de acreditar nos seus princípios e sonhos.

E eu como o personagem da obra que me proponho analisar nesse trabalho voltarei ao passado, e vou falar de duas pessoas que eu tenho que agradecer eternamente, os meus avós seu Olavo Martins e dona Ana Vicente, agradeço os dois com todas as minhas forças, e vou lembra-me de dois momentos, meu avó que era agricultor e criava diversos animais, sempre foi para mim o maior exemplo de homem, eu queria ser ele, ele trabalhava muito, acordava religiosamente as três e meia da manhã para retirar o leite das vacas, um homem que trabalhava o dia todo com terra e animais, ao fim do dia ele retornava, tomava o seu banho e jantava, após o jantar sentava-se no sofá para ver Chaves ou o jornal e nós eu e meu irmão corríamos para a cabeceira do sofá, ficávamos acima de sua cabeça e com as mãos procurávamos pedrinhas miudinhas que ficaram entre o seu cabelo, tenho essa lembrança muito viva de meu avô. Dona Ana a mulher mais doce que já conheci e por sorte era a minha avó, lembro-me que ela não gostava da minha barba grande, quando eu chegava e lhe pedia a benção e ela me olhava e via a barba grande, falava assim: “O meu filho não quer tirar essa barba não?” e eu dizia não vó deixe a minha barba, mas se eu chegasse em casa e tivesse sem a barba, diante de qualquer pessoa que estivesse presente, após me abraçar, dizia: “Olha como ele tá bonito”, eu sorria sem jeito, sem ela em minha vida, e da minha família não sei o que seria. Em nome deles dois eu agradeço a todos os demais membros da minha família, tias e tios que foram pais e mães para mim e primos e primas que foram irmãos.

Quero agradecer de forma especial a minha companheira Camila Rodrigues que tem me aturado durante os últimos anos e me ajudado diariamente.

Agradeço a amigos e amigas queridos que a vida me deu no agreste onde nasci e no sertão lugar que eu aprendi a amar, pessoas extraordinárias que entraram em minha vida e com eles a vida ficou melhor, em especial a Marcos Oliveira amigo e mestre, a Igor Ribeiro, a Marcos Antônio, a Gabriel Batista, a Joadson Andrade amigos queridos do sertão.

Agradeço de forma muito especial ao professor Márcio Ferreira da Silva, meu orientador que sempre me incentivou desde o primeiro momento e que sem este incentivo este trabalho não se concretizaria, pois professor Márcio sempre foi para mim sinônimo da profissão, ama ensinar, ama a língua portuguesa e ama a literatura, eu já falei para ele pessoalmente e deixo escrito: quando crescer quero ser igual a ele, e agradeço em nome dele ao grupo de estudo NELA-Núcleo de Estudos e Pesquisa em Literatura Alagoana que ajudou na formação para que pudéssemos concluir este trabalho, assim como a todos os professores e professoras da Universidade Federal de Alagoas no Campus do Sertão, do mesmo modo que agradeço todos os colegas que dividiram comigo as salas de aula durante toda a graduação.

Agradeço de forma especial aos membros que compõem esta banca examinadora: a professora Ma. Maria Eliane Bezerra da Silva – UNEAL e o professor Dr. Marcos Alexandre de Moraes Cunha – UFAL, aos dois devo imensa gratidão.

Deve-se escrever da mesma maneira com que as lavadeiras lá de Alagoas fazem em seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer. (Graciliano Ramos)

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é analisar o fluxo da consciência a partir do narrador no romance **Angústia** de Graciliano Ramos. Para compor a pesquisa, utilizou-se o método qualitativo, de cunho bibliográfico, cuja metodologia se apresentou na leitura da fortuna crítica do autor; na relação de comparação entre a construção do narrador e da personagem Luís da Silva, porque a estrutura narrativa no romance o mantém na condição de protagonista, mas o processo estilístico de Velho Graça acaba se mostrando na dilatação de um fluxo da consciência dominado pelo narrador. A partir da leitura da obra, fez-se o recorte do *corpus* – as marcas do narrador na narrativa – e construiu-se a ideia de confronto entre o passado e o presente, os espaços rurais e urbanos nas ações do protagonista. Este caminho de pesquisa só foi possível porque a linguagem estética graciliânica (re)discute o lugar do *Romance de 30*, estética na qual o romance em questão se monta na amplidão do caminho literário que irá definir a literatura no Brasil no século XX. Esta pesquisa apropriou-se dos estudos de literatura e sociedade, tomando como base os estudos de Brait (1985), Bueno (2006), Bosi (1985, 1992), Candido (2012) e Gancho (2002).

Palavras-chave: romance, personagem, narrador, Graciliano Ramos.

ABSTRACT

The aim of this research is to analyze the flow of consciousness from the narrator in the novel **Angústia** by Graciliano Ramos. To compose the research, used the qualitative method, of bibliographic nature, whose methodology was presented in the reading of the critical fortune of the author; in the relation of comparison between the construction of the narrator and the character Luís da Silva, because the narrative structure in the novel keeps him in the condition of protagonist, but Velho Graça's stylistic process ends up showing itself in the expansion of a stream of consciousness dominated by the narrator. From the reading of the work, the *corpus* was cut – the narrator's marks in the narrative – and the idea of confrontation between the past and the present, rural and urban spaces in the protagonist's actions was built. This path of research was only possible because the gracilian aesthetic language (re)discuss the place of the *Romance de 30*, an aesthetic in which the novel in question is set in the breadth of the literary path that will define literature in Brazil in the 20th century. This research appropriated literature and society studies, based on studies by Brait (1985), Bueno (2006), Bosi (1985, 1992), Candido (2012) and Gancho (2002).

Keywords: Novel. Character. Narrator. Graciliano Ramos.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	11
2.O FLUXO DA CONSCIÊNCIA EM ANGÚSTIA	15
2.1.Tatuagem e feridas: mundo do narrador e da personagem.....	15
2.1.1. <i>Não sou um rato, não quero ser um rato</i>	17
3. A CRISE DO NARRADOR DIANTE DA CENA	23
3.1.Quando o narrador entra em crise	23
3.2. As alegrias e frustrações de Luís da Silva	27
4. ENTRE O PASSADO E O PRESENTE: A DEFORMAÇÃO DA REALIDADE	34
4.1. Amar e malamar	34
4.2. <i>Um rato roía-me as entranhas</i>	36
4.3. <i>Sou um bípede, é preciso ter a dignidade dos bípedes</i>	53
4.4. Onde o passado encontra o presente	66
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS	72

1.INTRODUÇÃO

Neste trabalho voltaremos a nossa atenção sobre a narrativa do romance **Angústia** de Graciliano Ramos, e nela vamos destacar como os fluxos de pensamento, as viagens no tempo feitas por seu protagonista irão influenciar seu presente e no desenrolar do enredo. Trataremos desse passado vivo na mente de Luís da Silva, morador da cidade de Maceió, em Alagoas, espaço onde se desdobra os acontecimentos.

Vamos analisar como um passado vivo sob a ótica do fluxo da consciência do protagonista, marcado pela violência e pelo descaso, que, na nossa análise, vai moldar o modo como o protagonista enfrenta seus mundos externo e interno. Isso, como observaremos, dá início a uma série de conflitos interiores na vida de Luís da Silva, embates entre traços de sua personalidade, advindos de uma vida sem carinho e repleta de desamor, caracterizando-o, muitas vezes no desenrolar da narrativa, como um animal e um homem que estarão dentro do mesmo corpo.

Do mesmo modo, veremos como uma janela de esperança irá se abrir para Luís da Silva em um momento de estabilidade econômica, fazendo com que um sentimento que nunca fizera parte do rol da vida de Luís da Silva adentra-se, ou seja, este sentimento é o amor por Marina, uma vizinha que chega de repente em sua vida.

Os conflitos no espírito de Luís da Silva tomarão destaque no conflito entre homem e animal, pois Luís é recorrentemente colocado na condição de animal e ele luta para convencer-se de que é um homem, gerando um outro conflito, que é um conflito de amor e ódio que nutre pela mulher que o deixou apaixonado, a jovem Marina.

Outras personagens relevantes ganharão destaque e dentre elas uma que compõe as três pontas desta história, já falamos de duas Luís da Silva e Marina e a outra ponta, trata-se de Julião Tavares, herdeiro da Tavares & Cia com modos de literato, bacharel e ar de superioridade cruzará o caminho de Luís da Silva, e este encontro nos levará a acontecimentos extraordinários, será a energia para alimentar a cólera em Luís da Silva que o levará ao assassinato.

Estes pequenos apontamentos iniciais sobre o romance, nos colocou diante de uma hipótese de pesquisa, que é: de que maneira as imagens de bicho, rato e bípede transformam o pensamento de Luís da Silva em dilema na narrativa? A resposta talvez esteja ao final deste trabalho, cujos resultados de pesquisa se mostrarão mais adiante.

Esta pesquisa é de cunho bibliográfica, do tipo qualitativa, cuja análise se deu na compilação da fortuna crítica do autor, bem como no cruzamento teóricos de textos sobre a obra, que são: Brait (1985), Bueno (2006), Bosi (1985, 1992), Candido (2002, 2012), Cunha (2006), Gancho (2002), Lima (2007) e Soares (2007).

A unanimidade da crítica em dizer que **Angústia** é um romance complexo e atual nos levou a considerar nosso objeto de pesquisa como um estudo sistemático, que incluiu leituras diversas do romance, porque os significados de análise nos estudos literários não surgem de forma imediata, é preciso considerar aspectos estéticos que nos leve a compreensão da forma e do conteúdo na feitura do texto graliciano.

Dessa forma, podemos dizer que a leitura deste romance nos levou por caminhos obscuros de leitura, uma vez que a relação passado e presente é enfrentado no livro como um rio em correnteza, ou seja, percebemos a cena, mas inevitavelmente o narrador protagonista nos coloca diante de outra cena, e mais uma cena, e, assim, sucessivamente. Isso provoca uma novidade quanto à forma literária na década de 30, haja vista que Graciliano Ramos parece ter consciência da linguagem literária de sua época e quer, a todo custo, provocá-la.

Com efeito, essa provocação pode ser sentida na forma literária, ou seja, contrariando a visão regionalista advindo do romance de 30, com escritores como José Lins do Rego ou Jorge Amado, ou mesmo como o próprio Graciliano Ramos, o autor de **Caetés** parece reconhecer que precisa aventurar-se por outras formas de escrita, como faz em **Angústia**, cujo fluxo da consciência toma a narrativa, dando ao narrador protagonista o poder de contar sua própria história e, ao mesmo tempo, (re)avaliar a própria trajetória de vida.

Nossa pesquisa está dividida em seções. A primeira recorre ao fluxo da consciência do narrador protagonista, para entender a maneira pela qual Luís da Silva enfrenta a cidade, o trabalho e os credores, haja vista que a vida medíocre já lhe constrói, como nas primeiras páginas do romance, a impressão de que está diante de uma vida de sururu ou na relação dele com um bicho.

A segunda seção nos deparamos com as alegrias e tristezas de Luís da Silva. Podemos notar no romance que o narrador protagonista passa por poucos momentos de alegria. Isso lhe são atribuídos como atributos, mas passageiros. Os momentos de tristezas são longos no romance, que primeiramente assumem uma condição de reconhecimento da situação; e, em outros, tomam a narrativa em momentos de autorreflexão, cuja saída se mostra na decisão do assassinato

de

Julião

Tavares.

Por fim, na terceira seção, trilhamos o amor e construção do narrador protagonista em negar-se ser um rato para, mais adiante, reconhecer-se um bípede. A seção também explora o conflito de Luís da Silva com Marina, porque ao ver-se abandonado, negado do amor, do trabalho, da cidade e dos amigos que ele não tem, assumi a condição de que o assassinato é o melhor caminho para resolver seu problema.

Assim, a leitura de **Angústia**, como afirmamos anteriormente, é assustadora, mas também encoberta de mistérios da existência humana. Viver é perigoso, já disse Guimarães Rosa. Para Luís da Silva, a vida é perceber que somos “uma figurinha insignificante e mexia-me com cuidado para não molestar as outras” (RAMOS, 2013, p. 231). Graciliano Ramos nos diz a todo momento que, ao nos comparamos aos bichos – irracionais -, devemos perceber o quanto convivemos entre esse liame de bicho e homem / irracionais e racionais, e vice-versa.

2.O FLUXO DA CONSCIÊNCIA EM ANGÚSTIA

*Nada impede que seja um livro pessimamente escrito.
Seria preciso fazê-lo de novo.*
(Graciliano Ramos em carta para A. Candido. Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1945).

2.1.Tatuagem e feridas: mundo do narrador e da personagem

O rigor imposto por Graciliano Ramos à linguagem literária, como podemos ver na epígrafe acima, evidencia as manobras do escritor para autoquestionar seu próprio fazer literário. Isso era uma constante durante os processos de escrita, porque a literatura para ele se faz na agonia humana.

É nesta agonia que o protagonista, Luís da Silva, tomado pelas suas próprias reflexões, instaura na narrativa um duelo entre passado e presente. Segundo Leite (2007, p. 68 – Grifos da Autora):

O fluxo de consciência, na acepção de Bowling, é expressão direta dos estados mentais, mas desarticulada, em que se perde a sequência lógica e onde parece manifestar-se diretamente o inconsciente. Trata-se de um 'desenrolar ininterrupto dos pensamentos' das personagens ou do narrador.

Então, o que é o passado? Será uma mancha turva na mente, ou um bando de momentos indo em direção ao esquecimento, ou ainda estarão vivos, brincando em nossa mente. O passado pode brincar ou cutucar a nossa mente por uma vida inteira, esse passado pode ser lembrado ou esquecido de acordo com nossas vivências e de acordo com as conveniências, a verdade é que o passado é uma das coisas imortais do mundo, ele vive em nós, mesmo não sendo externado, mesmo não sendo exaltado, ele será eterno em nós, porque o romance em questão faz parte de uma estratificação cultural paciente trabalhada por Graciliano Ramos.

Bosi (1994, p. 343) afirma que:

A literatura, ou a música, ou a pintura, ou o teatro estão e não estão dentro das instituições sociais, na medida em que vivem, ao mesmo tempo, tempos diversos e não raro conflitantes, como o tempo corporal da sensibilidade e da imaginação e o tempo social da divisão do trabalho.

Esses tempos diversos e conflitantes, como dito acima, colocam, por exemplo, há milhares de anos os seres humanos criadores de um hábito muito interessante, ele consiste em gravar em seus corpos coisas importantes que o tocaram, momentos marcantes de uma vida, em sua maioria momentos de glória, momentos felizes, homenagens a grandes figuras da história, ou ainda, coisas sem significado apenas para enfeitar seus corpos, em suma coisas que querem rememorar eternamente em suas vidas. Estas coisas destacam o corpo, é impossível passar despercebido, acaba se tornando algo que queremos mostrar como quando passamos um lápis marca texto sobre uma sentença em um texto, esse hábito é o lápis marcar texto de uma vida para aqueles que são adeptos dele.

Este hábito que nós conhecemos como tatuagem tem uma peculiaridade que se assemelha com outro processo natural da vida, tão natural que julgo impossível um ser humano em toda história não ter passado por ele. Aqui nos referimos aos cortes que levamos na vida, do mais ínfimo aos que são necessários cuidados mais relevantes, como pontos e cirurgias. Nos dois casos estamos tratando de feridas, nos dois casos temos sangue saindo de nossos corpos, em um, de forma voluntária e, no outro, por acaso, por infortúnios da vida. Assim, os corpos ficam marcados para sempre, não inventaram uma borracha infalível para eles, podem tentar, mas ficarão resquícios, linguagens: assim é a literatura.

No primeiro caso destacamos com o lápis cor néon, e no segundo escondemos, temos vergonha muitas vezes e não queremos lembrar aquele momento do passado, recente ou longínquo que nos causou lágrimas e dor. É incrível como basicamente um mesmo processo pode causar consequências tão diversas uma da outra. Em ambos os casos estamos falando de feridas.

E na história que analisaremos há muitas feridas na vida de um homem, feridas que martelaram a sua existência, mostrando a imortalidade do passado e sua vivacidade na vida presente, faz parecer que o passado ficou marcado como tatuagens na sua mente e como feridas abertas que não cicatrizaram, é como o castigo legado por Zeus a Prometeu, na antiga mitologia grega, que foi condenado a ficar com seu fígado exposto e águias bicavam todos os dias o órgão saciando a sua fome, a vida da personagem Luís da Silva, no romance *Angústia* de Graciliano Ramos, é uma ferida aberta que é remexida durante toda a sua história.

Para Brait (2000, p. 44-45 – Grifo da Autora), “[...] falar de personagens como se fossem seres vivos é uma postura banal e incoerente”, porque o analista precisa entender a personagem a partir de suas tatuagens e feridas, mas também é preciso olhar “a personagem como um signo e, conseqüentemente, escolher um ponto de vista que constrói este objeto, integrando-o no interior da mensagem, definida como um *composto* de signos linguísticos.

Com efeito, Luís da Silva é testemunha de suas próprias feridas, porque ele registra, relata, testemunha sua própria ação no romance, como, por exemplo, a composição linguística da metáfora do rato, que ao compor a sentença com o advérbio de negação “não” impulsiona o discurso da personagem para uma consciência – razão – de sua própria existência.

2.1.1. Não sou um rato, não quero ser um rato

Essa afirmação como se quisesse convencer a si mesmo de que não é um rato, de que não é um ser inferior nos dá uma ideia das feridas desse homem, que tem o nome de Luís da Silva, 35 anos, morador da rua do Macena na cidade de Maceió capital de Alagoas, este homem é atormentado pelo seu passado, um passado vivo, que mexe e brinca com o tempo presente de sua vida. A comparação também denuncia o estilo literário do autor de Caetés, que, na opinião de Gullar (2013, p. 295), é marcado por um aspecto “áspero e rude”.

Podemos perceber que temos um homem – personagem na ficção graciliânica - que vivi no passado ou o passado vivi nele, ou seja, um narrador personagem que volta ao passado na cena presente; um simples funcionário público que quis ser literato, mas como ele mesmo diz teve uma “vida de sururu” (RAMOS, 2013, p. 23). É uma história do passado, como assinala Gimenez (2009, p. 240), pois a escrita literária, “enquanto mimese crítica da sensibilidade, confere ao escritor um contraveneno para o seu desencanto”, se apresentando verossímil e tecendo seu percurso em ciclos e a história que nos propomos analisar começa no passado. “As mãos já não são minhas: são mãos de velho, fracas e inúteis. As escoriações das palmas cicatrizaram” (RAMOS, 2013, p. 21).

O nosso narrador personagem nos conduz em um ciclo de idas e vindas entre passado e presente, mas como já destacamos o passado é vivo na vida de Luís da Silva, o passado está presente, no bonde, no trabalho, nas ruas, no café, na sombra da mangueira, nas conversas com os amigos, no romance, nas mágoas; vamos entrar na máquina do tempo da vida de um homem.

“À medida que o carro se afasta do centro sinto que me vou desanuviando. Tenho a sensação de que viajo para muito longe e não voltarei nunca” (RAMOS, 2013, p. 24), afirma

o narrador de Graciliano Ramos. Luís da Silva leva uma vida ordinária, sem grandes solavancos, é de casa para o trabalho e do trabalho para casa e até nos momentos de lazer, de encontro com os amigos há uma previsibilidade, é uma rotina, mas o passado é o que lhe deixa inquieto e que boia com a sua mente, o nosso personagem começa a voltar no tempo, está em um bonde avistando as desigualdades da capital alagoana e como se estivesse realmente em uma máquina do tempo, viaja.

Há quinze anos era diferente. O barulho dos bondes não deixava a gente ouvir o sino da igreja. O meu quarto, no primeiro andar, era um inferno de calor. Por isso, à hora em que os outros hóspedes iam para a escola, estudar medicina, eu dava um salto ao Passeio Público e lia, debaixo das árvores, o noticiário da polícia. Naturalmente a pensão se fechou e d. Aurora, que naquele tempo era velha morreu (RAMOS, 2013, p. 24).

A viagem ao passado se inicia com uma ida a um passado não tão remoto na vida de Luís da Silva, ele avista a cidade do presente e lembra-se da cidade do passado, mostra-se um grande observador da cena da capital Maceió, nesse passado o nosso personagem levava uma vida precária em uma pensão humilde e que tinha um alojamento que não lhe proporcionava o mínimo de conforto e a cidade se transforma em refúgio, mas também em flagelo na vida de Luís da Silva. “Cidade grande, falta de trabalho. O meu quarto ficava junto à escada, e a noite o cheiro do gás era insuportável. Quando escurecia, Dagoberto, estudante e repórter, vinha despejar sobre a minha cama um compêndio de anatomia e uma cesta de ossos” (RAMOS, 2013, p. 24). Como frisamos o passado se faz no momento presente e o nosso narrador personagem vai e volta, Luís está no passado com Dagoberto na pensão de d. Aurora e no momento seguinte:

Retorno à cidade. Os globos opalinos do Aterro iluminam o gramado murcho e a praia branca. Os coqueiros empertigados ficam para trás. Penso numa ditadura militar, em paradas, em disciplina. Os navios também ficam para trás. A pensão, o meu quarto abafado, o focinho de d. Aurora e a cesta de ossos de Dagoberto somem-se.

O carro passa pelos fundos do tesouro. É ali que trabalho. Ocupação estúpida e quinhentos mil-réis de ordenado (RAMOS, 2013, p. 24-25).

É um ciclo que se opera na mente de Luís da Silva, o passado está ali agindo, apesar disso, o presente não é ignorado, ambos estão na mesma cena, agindo na vida do nosso personagem. Santiago (2013, p. 337) afirma que “a realidade, nos romances de Graciliano Ramos, não é deste mundo. É uma realidade diferente [...] é um mundo fechado em si mesmo. Que mundo é?”. A resposta – ou as respostas – pode estar demarcada nos “estranhos hiatos”

da existência de Luís da Silva; ou nos “acontecimentos insignificantes” que ecoam na obra; ou, ainda, na imagem refletida da cidade.

Com efeito, é a cidade que é fotografada por Luís da Silva, a cidade do passado e a do presente, que foi refúgio para o quarto abafado, também é cruel. “Rua do comercio. Lá estão os grupos que me desgostam. Conto as pessoas conhecidas: quase sempre até os Martírios encontro umas vinte.” (RAMOS, 2013, p. 25). Embora esta cidade seja hostil com Luís da Silva e assim como a sua vida, ele sempre terá uma fuga para essa realidade, este refúgio se encontra nas suas memórias do passado, e é curioso como Luís da Silva vive em duas realidades e as duas são igualmente nefastas. “Afasto-me outra vez da realidade, mas agora não vejo os navios, a recordação da cidade grande desapareceu completamente. O bonde roda para oeste, dirige-se ao interior. Tenho a impressão de ele me vai levar ao meu município sertanejo” (RAMOS, 2013, p. 25). Tudo isso se dá porque o ambiente, segundo Lins (2013, p. 322), é:

[...] a capital de Alagoas, em parte o Rio de Janeiro, através das reminiscências de Luís da Silva. Simples referências nominais, porém, pois o problema do espaço, como o do tempo, não tem limitações neste romance. Ele foi colocado num plano em que tanto o autor como o leitor fazem abstrações de locais e de horas.

Dessa forma, podemos afirmar que Luís da Silva adentra a sua máquina do tempo novamente e agora vai para um passado mais remoto, volta a sua vila sertaneja e muda de habitat, um habitat diametralmente oposto ao da cidade grande e mostra como essa viagem no tempo é um fuga, uma saída; “Quanto mais me aproximo de Bebedouro mais remoço. Marina, Julião Tavares, as apoquentações que tenho experimentado estes últimos tempos, nunca existiram” (RAMOS, 2013, p. 25). As apoquentações desaparecem, Luís da Silva transita entre espaços e momentos de alívio e angústia, e usa essa condição, uma vez que sua mente é seu casulo e sua prisão:

Volto a ser criança, revejo a figura de meu avô. Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva, que alcancei velhíssimo. Os negócios na fazenda andavam mal. E meu pai, reduzido a Camilo Pereira da Silva, ficava dias inteiros manzanzando numa rede armada nos esteios do copiar, cortando palha de milho para cigarros, lendo o Carlos Magno, sonhando com a vitória do partido que padre Inácio chefiava (RAMOS, 2013, p. 25).

O nosso personagem agora voltou a sua infância, lembra-se de pessoas importantes, seu pai, seu avô e sua avó, de Amaro vaqueiro e da situação degradante da fazenda, é

importante salientar que as lembranças do passado não são boas, mostra-nos uma vida infeliz, neste caso a decadência de sua família, sobretudo, da figura de seu avô Trajano, é muito curioso como Luís da Silva está sempre em posição desigual, observamos os nomes de seus predecessores, seu avô tem um nome longo, extenso, cheio de sobrenomes; Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva, seu pai Camilo Pereira da Silva, enquanto o de Luís é diminuto, somente um da Silva. As memórias de seu avô são as mais marcantes, as memórias da debacle da vida de alguém que um dia teve escravos e foi poderoso:

Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva tomava pileques tremendos. Às vezes subia à vila, decomposto, um camisão vermelho por cima da ceroula de algodão encaroçado, chapéu de ouricuri, alpercatas e varapau. Nos dias santos, de volta da igreja, mestre Domingos, que havia sido escravo dele e agora possuía venda sortida, encontrava o antigo senhor escorado no balcão de Teotoninho Sabiá, bebendo cachaça e jogando três-setes com os soldados (RAMOS, 2013, p. 25-26).

A imagem da derrocada na vida do avô de Luís é muito presente nas memórias do nosso personagem, um homem velho que perdeu a compostura e seus privilégios, que tem seu patrimônio as traças e que recorre à bebida e aos jogos, mas que mantém no seu íntimo os seus poderes, a sua pompa:

Pois, apesar de tantas vantagens, mestre Domingos, quando via meu avô naquela desordem, dava-lhe o braço, levava-o para casa, curava-lhe a bebedeira com amoníaco. Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva vomitava na sobrecasaca de mestre Domingos e gritava:
— Negro, tu não respeitas teu senhor não, negro! (RAMOS, 2013, p. 26).

Há uma facilidade na consciência de Luís de ir e vir, mas na verdade se colocássemos Luís da Silva em uma obra de quadrinhos, acima da cabeça do homem sentado no ônibus que transita por Maceió, veríamos no mesmo quadro, o presente e o passado, a cena do passado estaria ali, no presente do nosso personagem e essas viagens em sua máquina do tempo como falamos anteriormente se dá de repente:

Quando o carro para, essas sombras antigas desaparecem de supetão – e vejo coisas que não me excitam nenhum interesse: os focos da iluminação pública, espaçados, cochilando, piongos, tão piongos como luzes de cemitério; um palácio transformado em albergue de vagabundos; escuridões, capoeiras, barreiras cortadas a pique no monte; a frontaria de uma fábrica de tecidos; e, de longe em longe, através de ramagens, pedaços de mangue, cinzentos (RAMOS, 2013, p. 26).

O nosso personagem é um nobre observador da capital alagoana, de chofre ele retorna ao presente e nos dá uma fotografia da cidade grande, ele retornou da sua vila, tece comentários políticos e retrata a precariedade da cidade longe dos palacetes, mas como devemos nos acostumar esse retorno é breve e Luís da Silva volta-se para o seu município sertanejo:

À medida que nos aproximamos do fim da linha as paradas são menos frequentes. Os postes pintados de branco passam correndo, o carro está quase vazio, as recordações da minha infância precipitam-se. E a decadência de Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva precipita-se também. Estava pegando um século quando entrou a caducar. Encolhido na cama de couro cru, mijava-se todo, contava os dedos dos pés e caía da madorna (RAMOS, 2013, p. 26).

A figura decadente de seu avô é a primeira que sobressalta a mente de Luís da Silva, a figura acabada de um homem que teve poder e respeito no seu pequeno mundo sertanejo, possuiu escravos e teve patrimônios, fazenda e animais, no entanto, na memória do neto Luís da Silva o que desponta é uma figura frágil e enfraquecida; e talvez por ironia, o neto que viaja no tempo, que vai e volta no passado, em suas reminiscências a imagem de seu avô senil, a ponto deste esquecer-se da morte de sua própria esposa:

De repente acordava sobressaltado:
 – Sinha Germana!
 Meu pai largava o Carlos Magno, abria o tabaqueiro, deixava a rede, impaciente:
 – Que é que há?
 – Homem, você não me dirá onde está sua mãe? Aqui mais de uma hora chamando essa mulher!
 – Morreu.
 – Que está me dizendo? Estranhava o velho arregalando os olhos quase cegos. Quando foi isso?
 Camilo Pereira da Silva amolava-se:
 – Deixe de arrelia. Morreu o ano passado.
 – Tanto tempo! Dizia Trajano. E vocês calados...
 Punha-se a folgar com os dedos e pegava no sono. Quinze minutos depois estava berrando:
 – Sinha Germana! (RAMOS, 2013, p. 26-27).

Essa imagem do fim de seu avô é muito impactante, a memória matéria tão cara para Luís se esvaiu na existência de Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva e a decadência que se transformou em retrato para a figura de Trajano se fez até no momento de seu funeral:

Acabou-se numa agonia leve que não queria ter fim. E enterrou-se na catacumba dismantelada que nossa família tinha no cemitério da vila.

Mestre Domingos pegou na alça do caixão e declarou a meu pai que a morte é um mundéu (RAMOS, 2013, p. 27).

Luís da Silva acha-se ainda em seu passado, na sua vila sertaneja e em suas recordações aparecem dois momentos que revelam bastante a respeito da sua história; o desamor e a solidão: “Meteram-me na escola de seu Antônio Justino, para desasnar, pois, como disse Camilo quando me apresentou ao mestre, eu era um cavalo de dez anos e não conhecia a mão direita” (RAMOS, 2013, p. 27), tratam-no como animal, este foi tratamento legado a uma criança de dez anos de idade, a falta de carinho e a solidão serão companhias recorrentes na vida de Luís da Silva: “O professor dormia durante as lições. E a gente bocejava olhando as paredes, esperando que uma réstia chegasse ao risco de lápis que marcava duas horas. Saíamos em algazarra. Eu ia jogar pião, sozinho, ou empinar papagaio. Sempre brinquei só” (RAMOS, 2013, p. 27). Esta criança que brincava sozinha é o reflexo de um Luís da Silva adulto, um ser solitário, que cultivou poucos relacionamentos, e teve minguados momentos de alegria em sua vida.

3. A CRISE DO NARRADOR DIANTE DA CENA

Nunca pude sair de mim mesmo. Só posso escrever o que sou. E se as personagens se comportam de modos diferentes, é porque não sou um só. Em determinadas condições, procederia como esta ou aquela das minhas personagens. Se fosse analfabeto, seria tal qual Fabiano (Graciliano Ramos em entrevista a Homero HOMEM, 1996, p. 207).

3.1. Quando o narrador entra em crise

A voz narrativa é um elemento de composição no romance. Aquele que fala na obra não é a voz da autoria, mas um sujeito criado pelo Autor para manter o distanciamento – ou a aproximação – das cenas e dos acontecimentos. Para Gancho (2007, p. 22), é importante observar que “o narrador não é o autor, mas uma entidade de ficção, isto é, uma criação linguística do autor, e por tanto só existe no texto”. Contar uma história pode ser uma ação simples e corriqueira. Vivemos contando fatos todas as horas do dia em casa com a família; em grupos com os amigos ou socialmente com as pessoas do trabalho.

Na literatura, o narrador tem papel de destaque desde as primeiras formas de expressão escrita na humanidade. De Homero a Shakespeare ou de Cervantes a Machado de Assis, ou, ainda, de Flaubert a Graciliano Ramos, todos foram guiados por uma forma, “ou que o sentir (tanto quanto o observar, aliás) não seja objeto de uma mediação semiótica, de um ajuste da integridade das emoções às exigências do meio de representação adotado, que é, afinal de contas, o representar” (BASTOS, 2003, p. 15).

O narrador resolve, então, um ato enunciativo na narrativa, porque as habilidades de quem conta uma história pode ser condicionada às experiências individuais ou coletivas do criador. No caso do romance **Angústia**, Graciliano Ramos faz uma tensão narrativa,

provocando também outra tensão sobre os gêneros literários. Soares (2007, p. 20 – Grifo da Autora) apropriando-se das discussões de Northrop Frye, afirma que o romance se compõe em quatro modalidades:

[...]o romanesco (*romance*), o romance (*novel*), a forma confessional e a sátira menipéia ou anatomia. Enquanto o romanesco não busca a criação de "gente real", o romance (*novel*) apresenta personagens que trazem suas máscaras sociais. A forma confessional, por sua vez, não pode ser confundida com autobiografia. O romancista ocupa-se da análise exaustiva das relações humanas, enquanto o satirista menipeu, voltado para termos e atitudes intelectuais, prende-se às suas peculiaridades.

No romance de Graciliano, nosso personagem expõe sua máscara social e vê na cidade e nos acontecimentos banais gatilhos para voltar ao passado, a sua infância, ou a um dos momentos de felicidade de sua vida, embora nas suas reminiscências essas memórias sempre tragam à tona uma realidade desagradável e infeliz; e tudo isso por causa de uma chuva nos fundos de seu quintal:

Uma chuvinha renitente açoita as folhas da mangueira que ensombra o fundo do meu quintal, a água empapa o chão, mole como terra de cemitério, qualquer coisa desagradável persegue-me sem se fixar claramente no meu espírito. Sinto-me aborrecido, aperreado (RAMOS, 2013, p. 27).

As coisas banais mexem com Luís remontam momentos vividos, a descrição do seu quintal é reveladora, lembranças com feições de mortandade, o chão com aspecto infame e o nosso personagem sente-se perseguido, sua mente é o local mais seguro e o local que lhe deixa mais aflito. Assim, o narrador de **Angústia**:

[...] que melhor se aplica a essa narrativa é a do *narrador protagonista*, na qual o narrador aparece representado por um personagem, que conta sua própria história, em primeira pessoa, narra a história de um centro fixo e, por não ter acesso ao estado mental das demais personagens, fica limitado exclusivamente às suas percepções, pensamentos e sentimentos (CUNHA, 2006, p. 20-21 – Grifos meus).

O que o fez retornar a esse passado, remexer um formigueiro de memórias doloridas, Luís da Silva se pergunta: “Penso em mestre Domingos, no velho Trajano, em meu pai. Não sei por que mexi com eles, tão remotos, diluídos em tantos anos de separação. Não têm nenhuma relação com as pessoas e as coisas que me cercam” (RAMOS, 2013, p. 28). Não sabemos o estopim, qual foi a fagulha inicial, no entanto, este passado vivo, assim como as formigam, mordem o nosso Luís da Silva e o azucrinam:

Os defuntos antigos me importunam. Deve ser por causa da chuva. Nos meses compridos daqueles invernos de serra muitas vezes fiquei tardes inteiras sentado à porta da nossa casa na vila, olhando a rua que desaparecia debaixo de um lençol branco de água em pó. Os chuviscos entravam pela sala, os móveis e a roupa da gente pareciam cobrir-se de pontinhas de alfinetes (RAMOS, 2013, p. 28).

Luís da Silva agora se encontra em sua vila sertaneja, após a morte de seu avô mudou-se da fazenda as traças para uma casa na pequena vila, Luís menino mudou-se, mas a realidade decadente foi carregada em sua mala, as dificuldades estão presentes, saiu da casa com copiar acabado por cupins e foi para a casa que deixava a chuva adentrar, molhando os móveis e as roupas.

Nesse itinerário de idas e vindas ao passado, o nosso Luís da Silva é sobressaltado por reminiscências que são trazidas à tona por coisas banais, por eventos naturais ou a paisagem da cidade grande, da capital; o menino que brincava só, que morou em casas aos cacos ou com quintal com jeito de cemitério, que a chuva adentrava molhando os pertences, lembra-se de um momento de prazer, a memória é o vagão que leva Luís ao passado:

Gostava de me lavar assim quando era menino. A trovoada ainda roncava no céu, e já me preparava. Às vezes a preparação durava três dias. O trovão rolava por este mundo, os relâmpagos sucediam-se com fúria. Quitéria encafuava-se, oferecia peles de fumo a Santa Clara, escondia a cabeça debaixo das cobertas e gritava: — “Misericórdia!”; meu pai largava o romance, nervoso; Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva chamava sinha Germana, que tinha morrido. Quando o aguaceiro chegava, o couro cru da cama do velho Trajano virava mingau, tanta goteira havia; a rede suja de Camilo fedia a bode; os bichos da fazenda vinham abrigar-se no copiar; o chão de terra batida ficava todo coberto de excremento (RAMOS, 2013, p. 28).

No momento de felicidade do menino Luís da Silva a pobreza está presente, as memórias do nosso personagem sempre vão de encontro a uma realidade nefasta, onde a felicidade parece lutar como um pugilista com a miséria para aparecer e ainda assim, o momento de felicidade fica ofuscado, perde a luta e o medo de Quitéria toma a cena, a decadência da figura de seu avô Trajano senil e deitado em uma cama molhada por conta das goteiras que havia naquela casa; a mesma situação abominável se aplica ao pai Camilo que se deita em uma rede fétida, e os animais se juntam aos moradores em buscar de abrigo da chuva e enche o local de estrume, a imagem é chocante, a pobre criança viveu em um caos, as lembranças são duras e nosso personagem tentar encontrar o prazer nelas, no entanto, Luís não pode livrar-se do passado, este é imune a borrachas.

O nosso protagonista ainda se encontra nesse passado, a chuva molhou as memórias de Luís e um momento de alegria toca a pobre criança que brinca:

Eu tirava as alpercatas, arrancava do corpo a camisinha de algodão encardida, agarrava um cabo de vassoura, fazia dele um cavalo e saía pinoteando, pererê, pererê, pererê, até o fim do pátio, onde havia três pés de juá. Repetia o exercício, cheio de alegria doida, e gritava para os animais do curral, que se lavavam como eu. Fatigado, saltava no lombo do cavalo de fábrica, velho e lazarento, galopava até o Ipanema e caía no poço da Pedra. As cobras tomavam banho com a gente, mas dentro da água não mordiam (RAMOS, 2013, p. 29).

Luís da Silva rememora um momento de alegria, mostra-nos a criança que brinca na mente de um homem desacostumado a momentos de riso e magia, há uma questão muito curiosa na vida do nosso protagonista, que revela como a vida no campo foi tão marcante para Luís, na chuva os animais iam se abrigar no copiar perto dos moradores, na escola seu pai lhe chama de cavalo, na brincadeira na chuva com seu cavalo com cabo de vassoura ele grita em direção aos animais que se banhavam como ele e na hora do mergulho no poço da Pedra divide este momento com cobras; Luís está sempre sendo colocado no nível dos animais, dos seres inferiores, na infância e mais adiante veremos na vida adulta, como a vida de Luís tem o combustível da memória, das idas e vindas, observaremos que este conflito acompanhará o nosso personagem por toda a sua história; e o acompanham em momentos decisivos, essa relação de homem e bicho estará presente nas ações e nas reminiscências de Luís da Silva. Nosso percurso de viagem no tempo, nas memórias do nosso protagonista, ele ainda se encontra no seu município sertanejo, na sua infância com momentos de tristeza, castigo e muita brutalidade; o carinho não teve espaço para Luís da Silva, no momento entre pai e filho, no poço da Pedra, a tortura estará presente:

Quando eu ainda não sabia nadar, meu pai me levava para ali, segurava-me um braço e atirava-me num lugar fundo. Puxava-me para cima e deixava-me respirar um instante. Em seguida repetia a tortura. Com o correr do tempo aprendi natação com os bichos e livre-me disso. Mais tarde, na escola de mestre Antônio Justino, li a história de um pintor e de um cachorro que morria afogado. Pois para mim era no poço da Pedra que se dava o desastre. Sempre imaginei o pintor com a cara de Camilo Pereira da Silva, e o cachorro parecia-se comigo (RAMOS, 2013, p. 29).

O desamor e a falta de carinho são uma constante nas lembranças de Luís da Silva, assim como é corriqueira a relação entre homem e bicho no percurso do nosso protagonista, a relação de Luís com sua família é disfuncional, é uma relação de desprezo; com o pai bruto, com o avô decadente, tratado como um animal, um bicho, um ser inferior, o que é destacado

nas memórias de Luís, em sua mente as agruras ganham relevo, a tortura do pai ao ensinar o filho a nadar; e mais uma vez o conflito entre homem e bicho está presente na vida do nosso narrador personagem, a pobre criança aprende a nadar com os animais e no momento de fantasia, de encontro com a leitura imagina-se em uma história trágica, e é colocado uma vez mais na condição de bicho, de ser mais baixo.

3.2. As alegrias e frustrações de Luís da Silva

Estamos sobre um trilho de memórias, avistando na paisagem as fotografias de uma história atroz, um simples funcionário público que se refugia no passado cruel de sua vida, essa dualidade de vidas, o presente e o passado que se opera na cabeça do nosso personagem não são em essência tão diversa, a crueldade está marcada como tatuagem em Luís da Silva na cena presente e no passado. A jornada de idas e vindas ao passado de Luís da Silva funciona como um boomerang que vai e volta e mostra-nos como essa barreira entre passado e presente é pequena, Luís transita com facilidade e retorna para o seu quintal:

Debaixo da chuva, a mangueira do quintal está toda branca. O papagaio na cozinha bate asas, sacudindo os salpicos que vêm da biqueira. Afago o pelo macio do meu gato mourisco, que dorme enroscado numa cadeira. As ideias ruins desaparecem. Marina desaparece (RAMOS, 2013, p. 29).

Ideias ruins acompanham o nosso protagonista, habitam seu pensamento, ele se refugia no passado, as digressões de Luís da Silva vão buscar um alívio em um passado triste que, no entanto, permanece vivo e martelam o seu juízo, ele não conseguiu viver somente no presente, o que passou retorna, embora, nem sempre as lembranças sejam tão límpidas assim:

Lembro-me de um fato, de outro fato anterior ou posterior ao primeiro, mas os dois vêm juntos. E os tipos que evoco não têm revelado. Tudo empastado, confuso. Em seguida os dois acontecimentos se distanciam e entre eles nascem outros acontecimentos que vão crescendo até me darem sofrível noção de realidade. As feições das pessoas ganham nitidez. De toda aquela vida havia no meu espírito vagos indícios. Saíram do entorpecimento recordações que a imaginação completou (RAMOS, 2013, p. 29-30).

Vendo esta confissão pensamos que nosso personagem vive uma vida de sonho, uma fábula particular, um homem que teve como signo em sua vida a solidão, que adentra o seu vagão de pensamentos, a sua capsula do tempo que vai encontrar personagens que tocaram uma vida de miséria e que ficaram com a feição turva, como se Luís os olhasse sobre uma lâmina d'água e ela estivesse barrenta, todavia, Luís da Silva nunca navegou por águas calmas

e límpidas e se habituou a decifrar o mar de acontecimentos e pessoas que cruzaram o seu destino, estes foram arrancados do entorpecimento, e colocaram uma vida em alvoroço.

A dificuldade de Luís vem de um esforço que se opera na ambição de viajar no tempo, reencontrar personagens remotos, quase esquecidos que estiveram incubados na alma do nosso protagonista que clama por um refúgio, o seu país das não maravilhas: “Tenho-me esforçado por tornar-me criança — e em consequência misturo coisas atuais a coisas antigas” (RAMOS, 2013, p. 31); esses desacordos, os desarranjos interiores do nosso personagem refletem nessas confusões que embaralham as memórias tão vividas do nosso Luís da Silva.

O nosso viajante do tempo, que busca tornar-se criança, que procura as reminiscências e não tem limites para voltar ao seu passado, ainda na vila sertaneja, se lembrará de um momento dramático e apavorante, o dia da morte de seu pai Camilo Pereira da Silva, o nosso protagonista com 14 anos de idade, encontrava-se na escola de mestre Antônio Justino e agora “conhecia a mão direita e os verbos” (RAMOS, 2013, p. 32), ao regressar da escola tem a visão da morte de seu pai:

Penso na morte de meu pai. Quando voltei da escola, ele estava estirado num marquesão, coberto com um lençol branco que lhe escondia o corpo todo até a cabeça. Só ficavam expostos os pés, que iam além de uma das pontas do marquesão, pequeno para o defunto enorme (RAMOS, 2013, p. 31).

Um grande acontecimento na vida de Luís da Silva, um menino ficaria desamparado, apesar de toda a relação disfuncional que havia entre pai e filho, a imagem é muito infame o corpo de Camilo Pereira da Silva encoberto por um lençol branco diminuto para cobrir todo o morto; mais uma semelhança na família de Luís da Silva o fim decadente, assim como o avô que foi enterrado numa catacumba aos pedaços, o pai de Luís tem um fim tão vergonhoso quanto o de Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva, tendo o falecido deitado sobre um móvel pequeno demais e um lençol que lhe deixava os pés — “sujos, com tendões da grossura de um dedo, cheios de nós, as unhas roxas. Eram magros, ossudos, enormes” (RAMOS, 2013, p. 31) — a mostra; a derrocada e o fim inexpressivo realizaram dois ciclos nas gerações da família de Luís da Silva.

O pobre adolescente Luís da Silva sentia-se acuado, sozinho no mundo, a solidão naquele instante se apoderou do nosso protagonista, a partir daquele momento as referências morreram na vida Luís da Silva, mas não da sua mente, nela fizeram morada e o acompanhou para sempre:

Fui sentar-me numa prensa de farinha que havia no fundo do nosso quintal. Tentei chorar, mas não tinha vontade de chorar. Estava espantado, imaginando a vida que ia suportar, sozinho neste mundo. Sentia frio e pena de mim mesmo. A casa era dos outros, o defunto era dos outros. Eu estava ali como um bichinho abandonado, encolhido na prensa que apodrecia (RAMOS, 2013, p. 31).

Como um bichinho esse é o sentimento de Luís da Silva, sempre está se colocando no lugar dos animais, além de ter tomado banho com as cobras e brincado na chuva com seu cavalo de pau com os animais, neste instante uma vez mais ele está no nível dos bichos; tudo neste momento é péssimo para o nosso narrador, ele quer exprimir sentimentos que não têm, embora seja socialmente esperado que os tenha nessa situação de perda. A infeliz relação entre pai e filho, faz com que o jovem Luís seja incapaz de derramar uma lágrima por seu pai.

Procurava chorar — lembrava-me dos mergulhos no poço da Pedra, das primeiras lições do alfabeto, que me rendiam cocorotes e bolos. Desejava em vão sentir a morte de meu pai. Tudo aquilo era desagradável. — “Isto é um cavalo de dez anos e não conhece a mão direita” (RAMOS, 2013, p. 31-32 – Grifo do Autor).

Luís se encontra desnorteado, retorna para a sala escondendo-se das pessoas que estão com o defunto “que apresentava no lugar da cara uma nódoa vermelha coberta de moscas” (RAMOS, 2013, p. 32). Aqui temos uma imagem repulsiva, pois ela é um fim horrendo e o nosso pobre protagonista se vê sozinho, esquecido por todos. Assim, Luís se vê pequeno e perdido, no entanto ele não se esquece dos momentos horríveis vividos com o pai, retornando a prensa velha no quintal, rememora:

Sentei-me na prensa, cansado, o estômago doendo. Que iria fazer aí à toa, miúdo, tão miúdo que ninguém me via? Encostei-me ao muro, escorreguei por cima da madeira bichada, adormeci pensando nos mergulhos do poço da Pedra, nos bolos e nos pés de Camilo Pereira da Silva (RAMOS, 2013, p. 32.)

O nosso narrador nesse passado tão longínquo e tão crucial na sua vida, evoca essas memórias tão reveladoras de sua infância, de seu sofrimento e de sua personalidade, como destacamos o adolescente Luís da Silva ficaria sozinho, órfão, se tornaria a partir deste acontecimento um ser solitário, um homem que não teve amor, que não teve carinho na vida e que sempre brincou só, nesse momento da morte de seu pai foi incapaz de derramar o seu pranto, Luís procurou em vão algum sentimento que fizesse jorrar essas emoções, ele não os tinha e foi por um gesto de carinho e cuidado, talvez um dos poucos da sua vida, fez com que as lágrimas caíssem:

Quem me acordou foi Rosenda, que me trazia uma xícara de café.

— Muito obrigado, Rosenda.

E comecei a soluçar como um desgraçado.

Desde esse dia tenho recebido muito coice. Também me apareceram alguns sujeitos que me fizeram favores. Mas até hoje, que me lembre, nada me sensibilizou tanto como aquele braço estirado, aquela fala mansa que me despertava.

— Obrigado, Rosenda.

Iam levando o cadáver de Camilo Pereira da Silva. Corri para a sala, chorando. Na verdade chorava por causa da xícara de café de Rosenda, mas consegui enganar-me e evitei remorsos (RAMOS, 2013, p. 32-33).

Este caso mostra como a infância de maus-tratos, as torturas e as humilhações feitas por seu pai o deixaram seco, oco de sentimentos familiares, Luís não tinha uma lágrima para derramar por seu pai; no dia seguinte a vida mudou e tornou-se mais dura, credores surrupiaram as mercadorias da loja de Camilo Pereira da Silva e a imagem dos pés do cadáver não saíam da sua cabeça e o acompanhariam até a vida adulta, o nosso protagonista ficou acuado, escondendo-se das almas de seus predecessores, uma tarefa impossível para Luís, pois ele se refugia neste passado, nestas memórias, como está fazendo nestes momentos, tudo se passou na sua cabeça. As reminiscências vêm tocar-lhe e a ida ao passado torna-se inevitável.

As excursões ao passado se dão de maneira brusca, de chofre Luís se torna viajante do tempo, das memórias vividas, desci um túnel e vai cair no poço das lembranças, tece o seu casulo, todavia, dá de cara com seus sofrimentos passados, os seus universos paralelos são igualmente tristes; o nosso protagonista está em sua casa, recebe a visita de um andarilho, mendigo que percorria as cidades e as fazendas do Nordeste pedindo esmola, atrás de um osso e sempre faminto, Seu Ivo é um personagem muito interessante e desempenhará papel relevante ao destino de Luís da Silva, este está inquieto, da sua janela vê a pobreza, a miséria, a situação indigna da sua realidade, está de frente para o lixo, que lembra a canção de João Bosco e Aldir Blanc *De frente pro crime*:

Tá lá o corpo estendido no chão
Em vez de rosto, uma foto de um gol
Em vez de reza, uma praga de alguém
E um silêncio servindo de amém

O bar mais perto depressa lotou
Malandro junto com trabalhador
Um homem subiu na mesa do bar
E fez discurso pra vereador

Veio o camelô vender!
Anel, cordão, perfume barato

Baiana pra fazer
Pastel e um bom churrasco de gato

Quatro horas da manhã
Baixou o santo na porta bandeira
E a moçada resolveu
Parar, e então

Tá lá o corpo estendido no chão
Em vez de rosto uma foto de um gol
Em vez de reza uma praga de alguém
E um silêncio servindo de amém

Sem pressa, foi cada um pro seu lado
Pensando numa mulher ou no time
Olhei o corpo no chão e fechei
Minha janela de frente pro crime

Veio o camelô vender!
Anel, cordão, perfume barato
Baiana pra fazer
Pastel e um bom churrasco de gato

Quatro horas da manhã
Baixou o santo na porta bandeira
E a moçada resolveu
Parar, e então

Tá lá o corpo
Estendido no chão (BOSCO & BLANC, 1977).

Podemos afirmar que o cenário do eu-lírico no poema musical é o mesmo que se cola ao olhar do protagonista no romance. Neste estado de agonia, Luís da Silva prepara-se para refugiar-se, para ir ao passado, são muito importantes os próximos acontecimentos que vamos salientar, pois é revelador de como essas viagens no tempo se operam, ou como Candido (2006) denominou de devaneios, Luís retornará a sua vila sertaneja, não obstante, revelará o seu estado de espírito:

[...] entro no quarto, procuro um refúgio no passado. Mas não me posso esconder inteiramente nele. Não sou o que era naquele tempo. Falta-me tranquilidade, falta-me inocência, estou feito um molambo que a cidade puiu demais e sujou (RAMOS, 2013, p. 34).

O passado torna-se uma válvula de escape, um refúgio no seu próprio ser, Luís é seu próprio mundo, embora, estes mundos (passado e presente) não tenham em seu quadro sequer uma cor, uma alegria, o nosso protagonista está sempre em situação desfavorável, quando não é um animal, é um molambo, “uma criaturinha insignificante, um percevejo social” (RAMOS, 2013, p. 37), ou “um Luís da Silva qualquer” (RAMOS, 2013, p. 35); Luís está na sala

fumando e somos transportados junto com nosso protagonista, de repente, estamos presenciando junto com nosso narrador a discussão entre o barbeiro e o negociante, ver-se a passagem de “Seu Batista, vestido em robe de chambre, passeia na calçada, com as mãos atrás das costas” (RAMOS, 2013, p. 34), a mulher de Teotoninho Sábia, D. Conceição “prepara milho para o xerém.” (RAMOS, 2013, p. 34), ouvimos com Luís as gargalhadas de Carcará, o doutor juiz de direito conversando com o vigário sobre onças e jacarés, e os dissabores de Cabo José da Luz. Estamos no passado, tudo se passou na mente de Luís e como despertar-se de um transe, escuta:

O sino da igreja bate a primeira pancada das ave-marias. Não, não é o sino da igreja, é o relógio da sala de jantar. Oito e meia. Preciso vestir-me depressa, chegar à repartição às nove horas. Apronto-me, calço as meias pelo avesso e saio correndo. Paro sobressaltado, tenho a impressão de que me faltam peças de vestuário. Assaltam-me dúvidas idiotas. Estarei à porta de casa ou já terei chegado à repartição? Em que ponto do trajeto me acho? Não tenho consciência dos movimentos, sinto-me leve. Ignoro quanto tempo fico assim. Provavelmente um segundo, mas um segundo que parece uma eternidade. Está claro que todo o desarranjo é interior. Por fora devo ser um cidadão como os outros, um diminuto cidadão que vai para o trabalho maçador, um Luís da Silva qualquer. Mexo-me, atravesso a rua a grandes pernadas (RAMOS, 2013, p. 34-35).

Aqui podemos ver como é fina a camada que separa o passado do presente, ou como Antônio Candido (2006) sugeriu o devaneio, na obra **Ficção e Confissão**, em que o crítico literário traz valiosas contribuições que destacamos:

Além disso, surge elemento novo: o recurso à evocação autobiográfica, que se junta frequentemente, por associação, às coisas vistas e à experiência cotidiana, para constituir o fluxo da vida interior. Cada acontecimento é estímulo para Luís da Silva repassar teimosamente fatos e sentimentos da infância e da adolescência, que pesam na vida de adulto como sementeira longínqua das ações e do modo de ser (CANDIDO, 2006, p. 57).

O desarranjo interior de Luís da Silva é a força motriz para os desdobramentos de sua vida, como Candido chamou-nos a atenção, o passado é combustível para o “fluxo da vida interior” (CANDIDO, 2006, p. 56), e que interfere na sua vida presente, essa questão que julgamos fundamental, Luís ao contrário de outros narradores-personagens é um misto de narrador personagem e onisciente, pois participa das ações e ao mesmo tempo sabe tudo que ocorreu no passado com ele e com os demais personagens desse passado. Ele é para nós o que Gancho (2002, p. 29) conceituou como o narrador protagonista que é o “narrador que é também o personagem central”.

Como este tipo de narrador, Luís da Silva não explica a sua ida ao passado, pois, de imediato, vamos juntos com nosso protagonista para a vila sertaneja e retornamos com a mesma rapidez, e não importa se este se encontra sozinho ou acompanhado, se se encontra em seu quintal, se está no meio da rua ou em uma conversa no café, o desarranjo, o fluxo da vida interior, o passado, as reminiscências se impõem, e toma o protagonismo da cena.

Luís está na rua atravessando e mesmo nesta situação, realizando a ação no momento presente ele retoma as memórias, embora, perceba os olhares dos transeuntes, vai lembrar-se de Camilo Pereira da Silva que “estava imóvel, debaixo da terra” (RAMOS, 2013, p. 35), rememora D. Conceição e suas filhas que tentavam confortá-lo e ele: “Retraía-me como um animal acuado” (RAMOS, 2013, p. 35), ou seja, como um animal, sempre colocado nesta condição inferior, o nosso protagonista tem uma imagem horrível de seu pai. “Os ossos de Camilo Pereira da Silva desconjuntavam-se na podridão da cova, e a alma já não me fazia medo” (RAMOS, 2013, p. 35). Todos esses pensamentos, enquanto o mundo gira ao seu redor, e Luís lembra-se de sua partida da vila sertaneja:

Abandonei a vila, com uma trouxa debaixo do braço e os livros da escola. — “Adeus, d. Conceição. Muito Obrigado pela comida com que me matou a fome. Adeus, Joaquim Sabiá, d, Maria, Teresa. Adeus, Quitéria, Rosenda, cabo José da Luz.” E comecei a andar lentamente pelo caminho estreito, afastando-me da vila adormecida (RAMOS, 2013, p. 35-36 – Grifos do Autor).

É um grande acontecimento quando o narrador assume o fluxo da consciência na narrativa. Nesse momento, notamos que há mais uma mudança na vida de Luís da Silva, mais um tropeço, pois ele vai desbravar o mundo a partir da memória, ou buscar o sustento, passa fome, tornando-se uma espécie de andarilho e de mendigo, engolindo muita vergonha para arranjar um emprego maçador e viver no subúrbio da grande cidade em uma casa imunda; o mundo estava girando a sua volta e ele estava na sua outra dimensão, mas retorna:

Começo a andar depressa, receando encontrar o ponto encerrado. Tolice. Provavelmente tudo aquilo se passou num segundo. Tenho a impressão de que uma objetiva me pegou, num instantâneo. Ficarei assim, com a perna erguida, a pasta debaixo do braço, o chapéu embicado (RAMOS, 2013, p. 36).

A vida de Luís da Silva na sua mente é como um filme – a autoconsciência - e o presente se mostra como uma fotografia. Podemos dizer que há no seu interior agitação; no exterior a aparência de normalidade. Então, esta suposta normalidade foi pega pela máquina imaginária e presa em um instantâneo. Espaços e tempos narrativos são imagens

significativas, pois no íntimo o movimento, e por fora a imobilidade aparente. Podemos dizer que é como se fôssemos contemporâneos de Luís da Silva, que poderia colocar a seguinte legenda no seu *Instagram* pessoal: “Luís da Silva, a caminho da repartição, lesando, pensando em defuntos” (RAMOS, 2013, p. 36).

Na verdade, falamos que essa história se iniciava no passado, como podemos ver na seção 3 adiante, e como podemos observar ela é ligada a este passado, e este ainda estará presente adiante. O exame do passado é uma tatuagem no corpo e na alma de Luís da Silva e este passado é presente, ele age na vida presente do nosso protagonista, porque vemos como Luís da Silva não teve amor, carinho ou compaixão na sua vida, ou como ele aprendeu coisas com os bichos e se coloca no lugar deles, um lugar inferior. Assim, nosso narrador personagem tem em seu íntimo uma natureza animalesca que vamos explorar a seguir.

4. ENTRE O PASSADO E O PRESENTE: A DEFORMAÇÃO DA REALIDADE

Esse romancista nordestino sabe bem o que quer fazer. Porque a impressão inicial que Angústia nos dá é de livro onde nada é inútil, nada é forçado e onde também nada falta (Jorge AMADO em novembro de 1936).

O escritor não é apenas aquele que escreve. É aquele que produz pensamento, aquele que é capaz de engravidar os outros de sentimento e de encantamento.

Mia Couto em *Que África escreve o escritor africano?* (Intervenção na cerimônia de atribuição do Prêmio Internacional dos 12 Melhores Romances de África, Cape Town, Julho de 2002).

Sei de alguém que não conseguiu passar da página 30 desse romance com medo de enlouquecer.

Jorge Amado sobre Angústia em Boletim de Ariel, novembro de 1936, p. 42-3, Ano VI, nº 2

4.1. Amar e malamar

O poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade escreveu uma poesia chamada *Amar* e nela Drummond questiona: “Que pode uma criatura senão, / entre criaturas, amar?” (DRUMMOND, 2013, p. 325), essa indagação poética fruto do gênio do poeta itabirano pode se enquadrar no destino de uma personagem, vivente do Nordeste, que nunca teve o gosto do amor, a poesia, que jamais o tocou, o apanhou desatento, como costuma acontecer com todos, o amor não manda aviso prévio, nem sinal de fumaça, quando o percebemos, o fogo já engoliu o nosso corpo, a alma e tudo mais. O pensamento vai longe, mesmo estando perto de seu amor.

Dona Ivone Lara e Délcio Carvalho (2021), compuseram o samba que ficou eternizado na voz da ilustre sambista: “Sonho meu, sonho meu / Vai buscar quem mora longe sonho meu”. Mesmo estando longe, no bonde, na repartição, no bar, nas ruas, no subúrbio da capital de Alagoas, ou do outro lado da parede da sala, ou do velho banheiro, Luís da Silva vai lembrar, irá martelar, vai dismantelar o nome, que vira brincadeira ou passa tempo, ou vira obsessão. Marina é esse nome, que o amor vai multiplicar: “ar, mar, rima, arma, ira, amar” (RAMOS, 2013, p. 22), torna-se mais de uma dezena de nomes.

Uma criatura entre as criaturas, este é Luís da Silva. Quando as coisas na sua vida estavam se ajeitando, o amor tornou-se uma possibilidade para o nosso protagonista. Aos 35 anos, passou pela mente agitada a faísca do amor, este que nunca teve esse sentimento como uma realidade, quando as reminiscências vêm lhe angustiar ele só tem uma realidade seca, como uma flor desbotada, sem cor e que só tem espinhos, morador do subúrbio da capital Maceió, na rua do Macena. Luís da Silva divide uma casa aos cacos como um chiqueiro com sua empregada Vitória que tem manias de pirata, tentar ensinar o papagaio Currupaco a falar, ler religiosamente o movimento do porto e enterra dinheiro nas estacas velhas do quintal, transformando a prata em seu tesouro secreto entre os pés de alfaces amarelos, embora nunca tenha saído de onde nasceu. É nesta realidade que Luís da Silva se abrirá do seu jeito para o amor, com vícios do passado, talvez causados pela falta de carinho, pelo desamor.

Resta uma ponta na encruzilhada da vida do nosso protagonista, Luís da Silva não sabia que o amor é vadio, pois é como a água que não pode ser represada entre os dedos. O amor pode escapar, seja lá por qual motivo, e esse motivo para a personagem tem nome e sobrenome e é encarnação de tudo que o nosso protagonista abomina. O moço tem ódio pelos poderosos, pelos ricos que pisam nos calos alheios sem se desculpar, quando um sujeito entra em sua vida para provocar um (des)equilíbrio perfeito. O encontro pode ser entendido na narrativa como uma peça que caiu sobre uma engrenagem, um corpo estranho que desestabilizou a vida de Luís da Silva, e este “sujeito gordo, vermelho, risonho, patriota,

falador e escrevedor” (RAMOS, 2013, p. 55), que tem o nome de Julião Tavares será esta peça indesejável, indigesta, inconveniente, como a casca do feijão que fica pressa entre os dentes e acaba com o sorriso e causa constrangimento.

Portanto, temos as três pontas desta história que vamos analisar, Luís da Silva que deixará ainda mais aparente o seu lado animalesco; a jovem Marina deslumbrada que vai atizar o fogo que há dentro de Luís e vai negacear os desejos e o pedante Julião Tavares inconveniente e com ares de superioridade.

4.2. *Um rato roía-me as entranhas*

Os roedores uma vez mais na vida do nosso protagonista, ele que tenta se convencer que não é um deles, agora sente suas pontadas, seus dentinhos roendo suas entranhas, não são borboletas na barriga, são os ratos. Na verdade, um sentimento estranho para Luís da Silva e tudo começou quando estava lendo um livro ordinário no quintal, pois ele tem intimidade com as letras e nesse momento tão importante, estava lendo desatento, suspendendo a leitura sentado à sombra da mangueira, e percebendo uma movimentação anormal além da cerca. Os pequeninos com seus dentes pontiagudos começaram a trabalhar:

O vulto que se mexia não era a senhora idosa: era uma sujeitinha vermelhaça, de olhos azuis e cabelos tão amarelos que pareciam oxigenados. Foi só o que vi, de supetão, porque não sou indiscreto, era inconveniente olhar aquela desconhecida como um basbaque. Demais não havia nada interessante nela (RAMOS, 2013, p. 45).

Estas palavras duras, talvez digam sobre uma total incapacidade de reagir a seus sentimentos, disfarçam a visão da sujeitinha desinteressante, que se colocou na paisagem de vida de Luís da Silva. Ela chamou a sua atenção, a sua nova vizinha que chegara e ele nem tinha prestado atenção. A vida automática dele não o tinha deixado perceber a morte de sua velha inquilina; e a desconhecida de cabelos amarelos ganhou contornos: “— Sim senhor, disse comigo, muito poética, aí entre as roseiras, com os cabelos pegando fogo e a cara pintada.” (RAMOS, 2013, p. 46). A jovem de cabelos de fogo tirou-lhe o sossego. O livro que não o detinha a atenção perdeu para a jovem que se movimentava no quintal vizinho:

Fiquei lendo o romance, péssimo romance, enquanto a tipinha se mexeu entre as roseiras. Notei, notei positivamente que ela me observava. Encabulei. Sou tímido: quando me vejo diante de senhoras, emburro, digo besteiras. Trinta e cinco anos, funcionário público, homem de ocupações marcadas pelo regulamento. O Estado não me paga para eu olhar as pernas das garotas. E aquilo era uma garota. Além de tudo sei que sou feio.

Perfeitamente, tenho espelho em casa. Os olhos baços, a boca muito grande, o nariz grosso. Como se chamava a senhora idosa que vinha regar as plantas? A verdade é que nunca me empatou a leitura. Fiquei ali até que escureceu e a mulherinha deu o fora (RAMOS, 2013, p. 46).

Um homem de ocupações restritas, metódicas, que se vê perdido com a aparição de uma garota com as pernas a mostra, A descrição do nosso protagonista coloca-o em posição já conhecida, uma posição depreciativa, de feio, com feições não agradáveis, que seria inimaginável uma jovem se voltar para o funcionário público de olhos baços. Na verdade, são descrições humanizadoras. Candido (2002, p. 80) afirma que devemos ver “alguma coisa sobre a literatura como força humanizadora, não como sistema de obras. Como algo que o homem e depois atua na própria formação do homem”.

Percebemos também um estado de conflito no espírito de Luís da Silva, que se lembra da idosa que mal se movia no quintal vizinho para queixar-se da nova inquilina da casa pegada a sua, o conflito toma de conta do nosso protagonista e ele tenta se convencer de que o fogo já não o tomou por completo: “Era engraçada o diabo da pequena. Para o inferno. Um homem lido e corrido, pegando trinta e cinco anos, amolecendo, preocupando-se com aquela guenza! — Vamos deixar de tolice” (RAMOS, 2013, p. 47).

Luís da Silva começa a travar uma batalha com seus sentimentos. Sentimentos novos que vieram à tona fruto da prosperidade, da melhora da situação financeira que outrora não andava bem. Este conflito com estas novas emoções será pouco a pouco amenizado, muito embora não apagado totalmente, pois para o nosso protagonista ele nunca será digno de tal glória, de ser digno do amor, de ter uma vida de riso e de alegria. Durante sua vida esta imagem nunca foi uma realidade e nos seus sonhos também não se anunciou. E as investidas do nosso protagonista nos fundos de sua casa tornaram-se uma rotina e à sombra da mangueira esperava rever “a coisinha loira” (RAMOS, 2013, p. 47). E ela apareceu, mas não prestou atenção em Luís da Silva:

A pequena estouvada não me prestava atenção: descontentara-a provavelmente o exame da véspera. Um sujeito feio: os olhos baços, o nariz grosso, um sorriso besta e a atrapalhação, o encolhimento que é mesmo uma desgraça (RAMOS, 2013, p. 47).

É interessante observar como se opera esta relação conflituosa na descrição da personagem, pois em um momento a jovem não passa de uma guenza e no momento seguinte é tratada com adjetivos carinhosos, a pequena. E mais uma vez Luís da Silva sublinha como é inimaginável para ele o romance, o amor, colocando-se demasiadamente para baixo,

destacando os defeitos. Todavia, como já salientamos, a vida parecia sorrir pela primeira vez para o nosso protagonista e ele nos faz uma confidência:

Apesar destas desvantagens, os negócios não iam mal. E foi exatamente por me correr a vida quase bem que a mulherinha me inspirou interesse — novidade, pois sempre fui alheio aos casos de sentimento. Trabalhos, compreendem? Trabalhos e pobreza. Às vezes o coração se apertava como corda de relógio bem enrolada. Um rato roía-me as entranhas (RAMOS, 2013, p. 47).

Os ratos tomam o lugar das borboletas, os casos de sentimento nunca se colocaram no horizonte de Luís da Silva até a aparição da jovem vizinha. As dívidas andavam controladas e o nosso protagonista evitava os bilhetes de cobrança do seu senhorio dr. Gouveia, não andava escondendo-se, e a corda do relógio se apertava no passado de Luís da Silva. Dessa forma, ele sente impulsos selvagens, já destacamos anteriormente a relação entre homem e bicho do nosso protagonista, pois no passado brincando e se colocando no lugar de animais, esse comportamento irá se revelar em relação aos seus desejos, Luís da Silva nos mostrará como a sua sexualidade anda ao lado da sua animalidade: “Antigamente era uma existência de cachorro. As mulheres tinham cheiros excessivos, e eu me sentia impelido violentamente para elas” (RAMOS, 2013, p. 47).

O protagonista tem a sua natureza lançada com força em direção a estes impulsos. Aqui vemos como este lado animal vai se desnudando e ganhando mais força ao passo que Luís da Silva caminha para a vida adulta, chegando ao ponto desse apetite atrapalhar a sua vida como um todo. Atraído pelo faro de animal, que sente um feromônio, causando uma angústia, ele se constrói na narrativa no descontrole entre homem e bicho. “As ruas estavam cheias de mulheres. E o rato roía-me por dentro” (RAMOS, 2013, p. 47).

O passado sempre está presente na vida de Luís da Silva. Na narrativa, esse passado surge como um momento passado, mais vivo e atual à situação da personagem. As imagens refletem às lembranças familiares, que em um momento distinto são mais novas; outras, da vida passada já na cidade grande. Tudo isso se mostra na narrativa a caminho de casa, lá as relações de amizade que ele cultivava a muito custo são meros encontros no café e discussões sobre política e literatura. Nesta reminiscência tocada pela personagem, ele vai lembrar-se de um momento em que estas tentações estavam patentes e ele era capaz de fazer tolices para chegar perto de uma mulher. No caso, a sobrinha da velha dona da pensão em que morava em um quarto imundo, embaixo da escada, momento de economias escassas. Ele acaba fazendo um convite despropositado para ir ao cinema e é obrigado a pagar os bilhetes da velha d.

Aurora e sua neta, não só bilhetes, como também as passagens de bonde e o sorvete. Daí, o conflito já está instaurado, pois o protagonista vive contando os níqueis, uma situação miserável, tanto sacrifício na ânsia de saciar os desejos que o atormentavam, contudo quem estava à procura do fogo, encontrou o gelo: “As coxas da moça eram frias. Com certeza fazia aquilo por hábito. Naquele tempo eu andava como um bode. Mas esfriei também” (RAMOS, 2013, p. 48).

O sentido semântico do termo *bode* releva como se classificava Luís da Silva, um reprodutor, pronto para copular com a cabra. Um bicho que vai buscar cumprir o vaticínio da natureza, sem pensar e sem lutar contra estes impulsos, mesmo que lutasse seria inútil para ele. Como realçamos anteriormente, o passado é presente na vida de Luís da Silva, desempenhando papel relevante, agindo no presente, e a lembrança da moça das pernas frias vai contrastar com aquela moça dos cabelos de fogo que está fitando além da cerca que divisa os quintais: “Aquela que estava ali a meia dúzia de passos, cortando os ramos secos das roseiras, vermelha como pimenta, os braços levantados mostrando os sovacos, devia ser quente demais. — Carga de risco” (RAMOS, 2013, p. 48).

E era um explosivo, uma carga de risco de nome Marina, que atiçou os desejos do pobre Luís da Silva. Percebemos que a medida em que a jovem vai ganhando na narrativa novos acontecimentos, novos contornos, o amor vai se moldando, construindo sua forma no conflito, cujo amor e ódio andarão lado a lado no âmago do protagonista.

Uma recordação se manifestará na mente de Luís da Silva, que é a lembrança da sua primeira relação com uma mulher na sua vida. Este episódio explicitará o estado de espírito de Luís da Silva em relação às mulheres: “Berta, uma alemãzinha bonita que antigamente conheci, também tinha unhas pintadas e pontiagudas. Aquilo arranhava docemente. A primeira mulher de jeito com quem me atraquei” (RAMOS, 2013, p. 49). A personagem conheceu Berta quando caminhava distraído ruminando projetos. Estava à procura de emprego, buscava uma colocação no jornal. Ele andava com a vida atrapalhada. Podemos notar que este sentimento em relação aos casos de amor e desejo fica claro no termo que é utilizado por ele para falar do ato sexual, “me atraquei”, demonstrando como Luís da Silva ainda carregava as marcas da vida e da linguagem interiorana. E no meio do trajeto que fazia uma voz o interpelou: “De repente uma voz estrangeirada, cheia de rr, gargarejou perto de mim: — Senhor não quer entrar?” (RAMOS, 2013, p. 49). Luís da Silva jamais ouviu tal convite. Como as economias eram quase nulas, ficou acuado, sem saber quanto deveria pagar por aquele ato, o jeito simples e matuto do recém-chegado da vila sertaneja estava grudado a ele. Logo, isso nos relevará o seu lado selvagem uma vez mais:

— Madame, eu sou um bicho do mato, nunca me encostei a uma pessoa como a senhora. Seja franca, madame. Quanto é que lhe devo dar?
 Berta era engraçada: lourinha, gordinha, uma voz suave, apesar dos rr.
 — Deixa disso. Não faz feio.
 E eu, a mão no bolso, apertando os cobres:
 — Não brinque, madame. Sou um sertanejo, um bruto, um selvagem. Quanto é que a senhora costuma receber? (RAMOS, 2013, p. 49).

Fazemos esta viagem a este passado não tão remoto com nosso protagonista, pois é assim que se alimenta a sua vida, é uma vida de memórias e esta é muito importante, o primeiro momento em que o Luís fez amor sem que cobrassem por isso e que não o julgassem tanto em sua condição física, quanto em sua condição de pobre naquele momento. Luís da Silva se revelará mais uma vez quanto a falta de um amor-próprio será um signo em sua vida, sempre se coloca em um nível abaixo, rasteiro, um selvagem, um ser primitivo.

Como já sublinhamos anteriormente, há um conflito nessa construção da relação entre Luís da Silva e a jovem Marina, ele percebe que está sendo atraído por ela. Esta pintura da jovem que vai aparecendo, tessitura que se vai cosendo, mostra-nos como para ele o amor e o desamor são irmãos gêmeos, andam juntos e no quintal da casa que é a maternidade deste amor, será também, o campo de batalha das emoções de Luís da Silva. “A mocinha, no lado de lá da cerca, não me dava atenção. Perua. Cabelos de milho, unhas pintadas, beijos vermelhos e o pernão aparecendo” (RAMOS, 2013, p. 50). Marina é maltratada com palavras duras, o sentimento incômodo, a luta das emoções de um homem que teve em sua vida a secura, descobrindo a paixão, a falta de amor faz com que Luís não saiba lidar com esse arrebatamento, com a fagulha que vai iniciando a sua chama no espírito, contudo o embate estará presente, trazendo esta ambiguidade afetiva, que ama e odeia no mesmo momento. “— Às vezes aquilo é só casca. Por baixo — marcas de feridas e molambos. Sirigaita. Sou um homem prático, passado pelos corrimboques do diabo, lido e corrido. Para o inferno” (RAMOS, 2013, p. 50). Esta relação ambígua será uma constante, mas já falamos que a vida parecia sorrir para Luís da Silva, e o nosso protagonista ensaia alguns sonhos mais ousados na direção do amor, a paixão vai se construindo no espírito dele, mesmo que acompanhada de uma angústia e um punhado de outros sentimentos confusos, sentimentos de amor, ódio e desejo, e os impulsos selvagens de um bicho no cio.

Com efeito, a vida lhe dava motivos para ter esperança em um futuro, não obstante, sem deixar de se colocar em posição rasteira, o nosso protagonista constrói a sua quimera:

Considerava-me um valor, valor miúdo, uma espécie de níquel social, mas enfim valor. O aluguel da casa estava pago. Andava em todas as ruas sem

precisar dobrar esquinas. Por uma diferença de dois votos, tinha deixado de ser eleito Secretário da Associação Alagoana de Imprensa. Quinhentos mil-réis de ordenado. Com alguns ganchos, embirava uns setecentos. Podia até casar. Casar ou amigar-me com uma criatura sensata, amante da ordem. Nada de melindrosas pintadas. Mulher direita, sisuda. Passar a vida naquela insipidez, aguentando uma criada surda, reumática, cheia de manias! (RAMOS, 2013, p. 50).

Assim é Luís da Silva, que se vê até no momento mais confortável da vida, com as contas acertadas, que não tinha motivos para andar se esgueirando nas sombras como um rato, escondendo de cobranças. Nessa situação pensa pela primeira vez na vida em se casar ou amancebar-se, porém Luís da Silva pinta uma mulher totalmente oposta a mulher a qual despertou a sua paixão, desenhando uma mulher que seria perfeita para ele, mas esta mulher não é Marina e isso revela como essa relação é um conflito para ele. Apaixonado, no entanto, ele quer construir uma mulher séria com características totalmente antagônicas as de Marina, apesar disso a menina dos cabelos de fogo já tinha acendido o fogo que estava adormecido e isso lhe tirava o sono:

Não pude dormir: os cabelos de fogo, os olhos e especialmente as pernas da vizinha começaram a bulir comigo. Aquilo devia ser uma pimenta. Passei a noite imaginando cenas terríveis com ela. No outro dia levantei-me aperreado. Quando me aparecem esses acessos, fico assim uma semana, calado, murcho, pensando safadezas (RAMOS, 2013, p. 50).

Um amor angustioso que tira o sono, Luís da Silva vai atribuindo traços novos a Marina que é uma pimenta, uma carga de risco e isso começa a mexer com ele de forma profunda, revirando o seu lado selvagem e depravado, com a mente agitada pensando em safadezas, revelando mais uma vez uma característica importante de Luís da Silva, no seu íntimo sempre há muita agitação, uma fogueira de memórias e desejos e, por fora, a introspecção, o ser calado e murcho. Estes momentos no quintal da velha casa se sucederam a pretexto desta conquista a que Luís da Silva se empenhou, voltando a atenção aos olhos nas pernas de Marina. Nessa atmosfera é iniciada uma relação mais próxima entre os dois vizinhos da rua do Macena:

Tornei-me, pois, amigo de Marina. Com certeza começamos por olhares, movimentos de cabeça, sorrisos, como sempre acontece. Depois, palavra aqui, palavra ali, em pouco tempo estávamos camaradas, tratando-nos por você. Procurando reproduzir os nossos diálogos, compreendo que não dizíamos nada. Frívola, incapaz de agarrar uma ideia, a mocinha pulava como uma cabra em redor dos canteiros e pulava de um assunto para outro. O que me aborrecia nela eram certas inclinações imbecis ou safadas. (RAMOS, 2013, p. 51-52)

Ao passo que a relação vai ganhando corpo, Luís da Silva vai compreendendo que a mulher perfeita que ele pintou não está do outro lado da cerca. Embora Marina seja objeto do seu desejo e do seu amor, a jovem moça destoa da mulher séria sonhada. Cresce, na narrativa, a inclusão de mais um adjetivo a Marina, frívola e até a compara a um animal, a cabras. Esta relação de amor e ódio se intensifica com a percepção da ganância de Marina, do seu gosto por luxo e dinheiro revelados na sua admiração por d. Mercedes, que de acordo com nosso protagonista não passava de “uma estrangeira que vive só, tem filha no colégio e sustenta marido ausente” (RAMOS, 2013, p. 52). Esta junção de atributos era o fim para Luís da Silva, ou seja, um completo disparate Marina ter admiração por esta mulher que morava na vizinhança.

E esses desejos da jovem Marina vão deixar Luís da Silva exasperado, o gosto de Marina por coisas que na concepção dele são luxos, como usar um smoking, ter vestidos mais caros, água-de-colônia ou banho de banheira. Essas aspirações de Marina vão dar ainda mais dor de cabeça ao nosso protagonista. E são essas coisas que vão alimentar ainda mais o turbilhão conflituoso que é esse amor em Luís da Silva, a ponto de desejar a derrocada da jovem inquilina da casa vizinha:

— Para o diabo. Aqui me preocupando com aquela burra! Unhas pintadas, beijos pintados, biblioteca das moças, preguiça, admiração a d. Mercedes — total: rua da Lama. Acaba na rua da Lama, sangrando na pedra-lipes. Vamos deixar de besteiras, seu Luís. Um homem é um homem. (RAMOS, 2013, p. 54)

A rua da Lama é a rua dos prostíbulos da cidade. Esse seria o destino de Marina se continuasse com aqueles desejos por luxos? Luís da Silva está sempre afirmando que não deveria ir adiante, que mulheres há muitas, que um homem é um homem, mas são afirmações inúteis, quando o coração está em chamas, os miolos já se tornaram cinzas. Esta busca pela razão que ele procura com essas palavras são o reflexo do conflito gerado pela paixão que Luís da Silva carrega consigo.

E foi neste clima que um antagonista entrou na vida de Luís da Silva. Um homem que veio desarrumar seus sentimentos, sua rotina, sua mente, em suma, toda a sua vida. Podemos dizer que foi um encontro daqueles arquitetado pelos infortúnios da vida, que as encruzilhadas da vida nos dar, que se dormíssemos meia hora a mais antes de sair da cama não teríamos tido a má sorte, mas ele acordou na hora e estava no lugar errado, na hora errada e foi nessa topada que a vida mudou para Luís da Silva:

Conheci esse monstro numa festa de arte no Instituto Histórico. De quando em quando um cidadão se levantava e lia uma composição literária. Em seguida uma senhora abancava ao piano e tocava. Depois outra declamava. Aí chegava de novo a vez do homem, e assim por diante. Pelo meio da função um sujeito gordo assaltou a tribuna e gritou um discurso furioso e patriótico. Citou os coqueiros, as praias, o céu azul, os canais e outras preciosidades alagoanas, desceu e começou a bater palmas terríveis aos oradores, aos poetas e às cantoras que vieram depois dele. À saída deu-me um encontrão, segurou-me um braço e impediu que me despencasse pela escada abaixo. Desculpou-se por me haver empurrado, agradei ter-me agarrado o braço e saímos juntos pela rua do Sol. Repetiu pouco mais ou menos o que tinha dito no discurso e afirmou que adorava o Brasil (RAMOS, 2013, p. 55).

Este esbarrão não derrubou Luís da Silva naquele momento, mas jogou o equilíbrio de sua vida para bem longe, o débil equilíbrio da vida do nosso protagonista que vinha se acertando e que teria aberto uma janela para o amor, este amor cheio de conflitos internos, no entanto, um amor. Estes dois corpos que colidiram fez com que estremecessem os alicerces da vida de um deles, os de Luís da Silva, o elo mais fraco desse encontro, e o nosso protagonista que desgostou do outro sujeito de cara, tentou se livrar dele logo no início, todavia, não conseguiu, sabendo da origem do sujeito gordo de família rica, donos da Tavares & Cia, que Luís julgava serem uns ratos, este homem de atributos despropositados e de nome “Julião, literato e bacharel, filho de um deles, tinha os dentes miúdos, afiados, e devia ser um rato, como o pai. Reacionário e católico” (RAMOS, 2013, p. 56), pois esse homem se tornará um intruso na vida do nosso protagonista:

E divergi dele, porque o achei horrivelmente antipático. Ouviu-me atento e mostrou desejo de saber o que eu era. Encolhi os ombros, olhei os quatro cantos, fiz um gesto vago, procurando no ar fragmentos da minha existência espalhada.

— Luís da Silva. Rua do Macena, número tanto. Prazer em conhecê-lo.

E meti-me no primeiro bonde que passou. Mas não consegui desembaraçar-me do homem. Dias depois fez-me uma visita. Em seguida familiarizou-se. E era Luís para aqui, Luís para ali, elogios na tábua da venda, só com o fim de receber outros. Não tenho jeito para isso. Duas, três horas de chateação, que me deixavam enervado, besta, roendo as unhas (RAMOS, 2013, p. 56).

Luís da Silva tentou se desvencilhar, mas não conseguiu, é interessante notar que o nosso protagonista não sabe dizer quem é ele é, busca uma resposta que sai atrapalhada, Luís se acha pequeno, insignificante e diante do bacharel se apequena ainda mais, este corpo estranho que entrou na vida de Luís expandindo-se de forma inconveniente, desgastando as engrenagens da vida maquinal de Luís da Silva que trabalhava sem constrangimento diante das pessoas que habitavam o seu círculo, Seu Ivo, Moisés, Pimentel e Vitória não lhe causava nenhum desconforto e Luís “trabalhava diante deles como se estivesse só, e ninguém me

interrompia” (RAMOS, 2013, p. 57), o mesmo não acontecia com Julião Tavares que veio podar as manias, o trato entre os amigos e Luís da Silva e esse penetra foi como uma pedra no caminho da vida do nosso protagonista: “Ora, foi uma vida assim cheia de ocupações cacetes que Julião Tavares veio perturbar. Atravancou-me o caminho, obrigou-me a paradas constantes, buliu-me com os nervos.” (RAMOS, 2013, p. 57). Esta pedra interrompeu o seu trabalho literário, o ofício com qual ganhava alguns níqueis e melhorava sua condição econômica, retirou o sorriso entre os amigos e os palavrões obscenos nas discussões políticas e literárias sumiram, além do mais a educação de nosso protagonista e seus amigos era totalmente distinta de Julião Tavares, estas coisas construíram um abismo entre estes dois mundos, tolhendo as expansões naturais daquele ecossistema construído ao longo de anos neste pequeno círculo de Luís da Silva: “O homem do Instituto atrapalhou-me a vida e separou-me dos meus amigos.” (RAMOS, 2013, p. 58), este abalo aperreou Luís da Silva, Julião Tavares transformou-se num carrapato que sugou a energia vital do equilíbrio da vida do nosso protagonista.

Essas intromissões e a posição do nosso protagonista de ódio aos poderosos foi alimentando um pavor, um sentimento de fúria em Luís da Silva esta fúria que vai despertar de maneira extraordinária o seu lado animal, de um animal que vai sair das sombras, dos costados de paredes, acontecerá lentamente uma metamorfose de um animal rasteiro para um animal caçador predador que vai buscar a sua afirmação. As qualidades atribuídas a Julião Tavares despertam em Luís da Silva uma cólera, sentimentos de raiva:

Comecei a odiar Julião Tavares. Farejava-o, percebia-o de longe, só pelo modo de empurrar a porta e atravessar o corredor.
— Canalha!
E rangia os dentes, arrumava os papéis tremendo de raiva. Tudo nele era posição, tudo dos outros. (RAMOS, 2013, p. 61).

Ranger de dentes de um animal farejador, uma enorme mudança que se opera a partir desta raiva, o herdeiro da Tavares & Cia foi o gatilho para despertar esses sentimentos, emoções viscerais, aqui está se moldando presa e predador.

Ao passo que essa personagem entra na vida de Luís da Silva ele ainda está se aproximando de Marina e de sua família, com a convivência os novos vizinhos são conhecidos e a mãe de Marina d. Adélia lhe pedirá um favor, esta vai ao auxílio de Luís da Silva para arranjar um emprego para Marina, d. Adélia julgava o nosso protagonista alguém importante, coisa que Luís logo afastará, mas pelo amor ele vai correr atrás de uma posição para a jovem vizinha, este pedido desastrado e a contragosto do pai de Marina seu Ramalho,

homem humilde castigado pelo trabalho inclemente, andava com a cabeça baixa, como alguém que sempre esteve em posição subalterna, alguém machucado pela ferocidade da pobreza e do trabalho duro na usina elétrica, contudo, lhe restava ainda um pouco de dignidade.

E o nosso protagonista após muita pernada, conversas em repartições e lojas, contando mentiras sobre qualidades extraordinárias que Marina não possuía encontrou um emprego em uma loja; e como o palco da conquista para Luís da Silva era o seu quintal, como se tornou rotina pegou um livro e foi para o quintal a fim de encontrar com a jovem Marina, a literatura não o prendia, a leitura tornou-se maçante, suspendia-a procurando encontrar a moça da casa vizinha. Podemos perceber que “essa percepção de Luís da Silva, que, numa síntese primorosa, reflete, a certa altura da narrativa, sobre os objetos à sua volta e sobre o próprio fazer literário” (LIMA, 2007, p. 137). E como já realçamos a uma relação muito próxima entre o desejo e o lado animal do nosso personagem, ele vai colocar a sua relação no mesmo degrau dos animais: “Um galo no galinheiro pôs-se a arrastar a asa a uma franga. Eu estava fazendo ali a mesma coisa, apenas com mais habilidade e mais demora. A franga não aparecia.” (RAMOS, 2013, p. 68-69), esta forma de conceber uma relação era o resultado de um homem que viveu a vida de uma forma bruta, os humanos não lhe ensinaram o que era o amor e este apreendeu observando os bichos, tudo é selvagem e lubrico, um desejo feroz represado, nesta dança no quintal o galo Luís da Silva percebe a presença da franguinha Marina, observa os seus traços corporais, sobretudo, as ancas como o nosso protagonista vai se referir ao quadril da moça, as pernas, as coxas, as nádegas, tudo isso agindo na mente de Luís da Silva e Marina percebe os olhares de desejo do vizinho e rir da postura do homem que fingia dormir com as pestanas cerradas observando o corpo da jovem, e o nosso protagonista irá ilustrar mais uma vez o seu sentimento:

— Chi, chi, chi.

O cochicho risonho afastava-se, chegava-me aos ouvidos como o chiar de um rato. Chiar de rato, exatamente. Chiar de rato ou carne assada na grelha. Parecia-me que aquilo estava chiando dentro de mim, que a carne se assava e chiava (RAMOS, 2013, p. 69-70).

São imagens incríveis, os animais estão presentes na vida e no imaginário do nosso protagonista, sobretudo, o pequeno roedor, que roí as suas estranhas, que chia em seus ouvidos, e o fogo parece está queimando finalmente, como falamos inicialmente o fogo do amor não manda final de fumaça e Luís da Silva estava queimando, ardendo de desejo pela jovem Marina e esse sentimento vai retirar do entorpecimento uma antiga sensação: “O rato

roía-me por dentro. Senti o cheiro de carne assada. Não, cheiro de fêmea, o mesmo cheiro que antigamente me perseguia, em meses de quebradeira” (RAMOS, 2013, p. 70), o animal está no cio, senti o cheiro da fêmea, o seu feromônio lhe atrai, o nosso animal que é carnívoro, senti o cheiro de carne e está pronto para atacar, no entanto prepara o seu bote, é uma conquista, uma caçada, uma dança de angústia e desejo.

E esta caçada tem o cenário o velho quintal entre água parada, lixo e canteiros velhos. Lima (2007, p. 136) assegura que “a cidade não entra definitivamente no quintal; resta saber se o quintal é vitorioso no enfrentamento da cidade, que dirige a narrativa, o olhar do narrador, a direção das ações da personagem”. Então, a jovem irá se aproximar e gargalhar de Luís da Silva que estava em pleno entorpecimento, deixará o livro cair e sentirá vergonha, é um balé esquisito, uma conquista atrapalhada, o juízo do nosso protagonista está totalmente imerso na direção de Marina, e do vento que soprava dos quintais uma fantasia surgirá na cabeça de Luís da Silva:

Veio-me o pensamento maluco de que tinham dividido Marina. Serrada viva, como se fazia antigamente. Esta ideia absurda e sanguinária deu-me grande satisfação. Nádegas e pernas para um lado, cabeça e tronco para outro. A parte inferior mexia-se como um rabo de lagartixa cortado. Mas eu não reparava na parte inferior, que tanto me perturbava: recebia as faíscas dos olhos azuis e desejava enxugar com beijos a saliva que umedecia os beijos um pouco grossos da minha amiga. Estava linda. Tinha corrido por ali alguns minutos como um rato, chiando. Eu era um gato ordinário (RAMOS, 2013, p. 71).

As faíscas estavam acendendo o fogo do amor no espírito de Luís da Silva, é como uma pintura digna de Dalí, a jovem cortada ao meio é interessante como esta imagem dá prazer a Luís, é o conflito o amor e o ódio no mesmo quadro, sem deixar as comparações de lado a menina que já foi uma franguinha, uma cabra, um rato, agora é uma lagartixa, e como trata-se de uma caça, ele é um gato, um gato pobre, ordinário, um vira-lata no cio querendo saciar seus desejos. São furores de animal e amor.

Luís ainda não tinha falado a Marina sobre o emprego, d. Adélia tão pouco tinha comunicado o seu desejo a filha, que ficou surpresa, murcha e insatisfeita com a notícia, achava que sua mãe queria livrar-se dela, quando soube que o emprego era em uma loja, amou-se ainda mais, fez reclamações e Luís ponderou que queria o seu bem, neste instante, em um momento de fragilidade, o gato fez o seu ataque:

Marina sensibilizou-se. Os olhos aguaram-se, o beicinho tremeu:
— Obrigada, Luís.

E estirou a mão. Levantei-me, tomei-lhe os dedos. O contato da pele quente deu-me tremuras, acendeu os desejos brutais que tinham esmorecido. Olhando-a de cima para baixo, via-lhe os seios, que subiam e desciam, as coxas, a curva dos quadris. Veio-me a tentação de rasgar-lhe a saia. E repetia como um demente:

— É porque lhe quero muito bem, Marina.

Apertei-lhe a mão, mordi-a, mordi o pulso e o braço. Marina, pálida, só fazia perguntar:

— Que é isso, Luís? Que doídice é essa?

Mas não se afastava. Desloquei as estacas podres, puxei Marina para junto de mim, abracei-a, beijei-lhe a boca, o colo. Enquanto fazia isto, as minhas mãos percorriam lhe o corpo. Quando nos separamos, ficamos comendo-nos com os olhos, tremendo. Tudo em redor girava. E Marina estava tão perturbada que se esqueceu de recolher um peito que havia escapado da roupa. Eu queria mordê-lo e receava ao mesmo tempo que d. Adélia nos surpreendesse, encontrasse a filha descomposta.

— Meu Deus! Exclamou Marina sobressaltada.

E virou-se rapidamente. Quando tornou a mostrar o rosto, o peito havia desaparecido.

— Que foi que nós fizemos, Luís?

E começou a choramingar. A comoção dela me trouxe alguma vaidade, um pouco de arrependimento e quase a certeza de que nunca ninguém lhe havia tocado nos peitos. Apesar da admiração idiota que Marina tinha a d. Mercedes, tomei aqueles soluços como prova de inocência.

— Que foi que nós fizemos, Luís?

A cantilena chorosa arrasava-me os nervos. Cocei a testa, agoniado:

— É o diabo, Marina. Ninguém tem culpa. Foi uma topada. E agora é continuar. Qualquer dia a gente casa. É verdade, precisamos tratar disso. Você que acha?

Concordou passivamente, numa sílaba:

— É (RAMOS, 2013, p. 73-74).

Luís da Silva atacou e teve êxito no seu intento, o galo que andava cortejando a franguinha conseguiu saciar um pouco do seu desejo, o contato das peles dos dois no quintal foi como uma explosão, o romance as escuras no velho quintal parecia um amor de gatos só que silencioso, procurando abafar os ais para não chamar atenção da mãe de Marina d. Adélia, vendo esta cena de Luís antes de atacar a sua presa dizer que lhe quer bem, lembra-nos de uma velha história, de uma fábula, A Chapeuzinho Vermelho, na qual o lobo travestido de vovó é perguntado pela jovem garota, “Vovó, que boca enorme você tem!” E o lobo responde: “é pra te comer melhor!”, Luís ao longo dessa história de memórias na qual pouco a pouco vai se operando uma metamorfose, de animal rasteiro, de rato a lobo, e agora estava no quintal dando o bote na sua chapeuzinho dos cabelos de fogo, que fica totalmente atônita com a ação do nosso protagonista, um ato inesperado que a jovem mesmo sabendo das intenções de Luís não imaginava, no entanto, não foge aos beijos, e após o choque, quando os nervos serenaram um pouco veio o arrependimento, as lamúrias, estamos tratando de uma realidade muito diversa da que estamos habituados, uma história do início do século XX os hábitos são de

outro mundo, e uns beijos e caricias não poderiam ficar sem consequências, é nessa hora que o nosso protagonista evidencia uma vez mais a sua total falta de traquejo social, faz uma proposta desarrazoada, pois já estava completamente apaixonado, propõe casamento e a resposta fria, monossilábica, o deixará perdido, a hesitação da jovem vai deixar a semente de um amor não correspondido, todavia, Luís da Silva estava enamorado: — “É uma dos diabos. Eu queria dar a ela alguma independência. Acabou-se. Gosto da pequena, amarro uma pedra no pescoço e mergulho” (RAMOS, 2013, p. 74).

O nosso protagonista estava entregue, tinha pulado de cabeça na grande paixão da sua vida, construiu um amor pela jovem vizinha Marina, após esse acontecimento os encontros vespertinos mudaram de turno, tornaram-se encontros noturnos, todas as noites se encontravam no quintal como dois gatos no cio sobre os telhados do subúrbio da capital alagoana, ele sempre investindo e querendo mais, chamando a jovem para entrar em sua casa, porém, Marina negava e defendia a sua honra das garras do gato ordinário, do lobisomem.

Luís se impacientava, queria ir além e em um dos encontros na penumbra do velho quintal falou a jovem:

— Marina, a gente deve acabar com isto, minha filha. Vamos para dentro.

— Vou nada!

Torcia o corpo, defendia a virgindade com unhas e dentes.

— Está direito. Então é melhor apressar o casório.

— Com que roupa? disse Marina.

— Que é que falta?

— Tudo. Eu sou uma noiva pelada, meu filho.

Impacientei-me:

— Ora! ora! ora! Entre nós não há cerimônia. Arranja-se. Eu tenho umas economias, pouco, mas tenho. Também você não precisa de muita coisa. Umhas fronhas, umas camisas... (RAMOS, 2013, p. 78).

Estava na hora de dar esse passo para Luís da Silva, queria arranjar-se com Marina, sair da solidão e não viver mais em uma casa sozinho, apenas tendo a companhia de sua empregada Vitória velha e reumática; Luís no seu conflito entre amor e ódio a jovem vizinha, já havia pintado uma mulher séria, uma mulher que seria perfeita para ele, mas esta não era Marina.

Naturalmente gastei meses construindo esta Marina que vive dentro de mim, que é diferente da outra, mas se confunde com ela. Antes de eu conhecer a mocinha dos cabelos de fogo, ela me aparecia dividida numa grande quantidade de pedaços de mulher, e às vezes os pedaços não combinavam bem, davam-me a impressão de que a vizinha estava desconjuntada. Agora mesmo temo deixar aqui uma sucessão de peças e de qualidades: nádegas, coxas, olhos, braços, inquietação, vivacidade, amor ao luxo, quentura, admiração a d. Mercedes (RAMOS, 2013, p.78-79).

Marina era vista aos pedaços, engrenagens de uma máquina, estes contornos desagradáveis ornaram a jovem Marina, traços de um quadro mal feitos e o corpo e mais alguns poucos positivos, formaram uma mulher que afinal se transformou num conjunto que agradou o nosso protagonista, ganhando o seu coração, não obstante, uma coisa lhe deixava descontente o fato de ter que explicar aos outros os seus desejos, suas intimidades com Marina, ter que se despir, pedir a mão da jovem moça ao velho pai seu Ramalho, isto dava engulhos em Luís da Silva, queria ter essas formalidades apenas no seu pequeno mundo.

Para levar adiante o seu desejo, Luís buscou suas economias que não eram muitas, economias reunidas a muito custo, muita chateação na repartição e força no juízo para escrever, porém, Luís só pensava em se amarrar com Marina, foi ao banco e sacou quinhentos mil-réis e foi ao encontro de Marina em sua casa, deu a notícia na cara de d. Adélia que não sabia de nada e pediu-lhe auxílio para pedir a seu Ramalho a mão de sua filha, as coisas pareciam finalmente que iam para frente, pediu que chamasse a jovem vizinha, tinha assunto importante: “Marina recebeu o dinheiro sem constrangimento, e eu me sensibilizei julgando que ela procedia assim por estar identificada comigo. Fiz-lhe algumas recomendações miúdas e retirei-me” (RAMOS, 2013, p. 83).

Dentre todos os defeitos que Luís enumerou, dentre as engrenagens da máquina Marina, o mais forte deles era o amor ao luxo, Luís desde o primeiro momento mostrou que o seu soldo não daria para bancar tudo o que alimentava Marina no seu espírito, que ela desejava para a cerimônia do casamento, Luís pensava que o amor bastaria, que seria uma mera formalidade o casamento, que o mais importante era ele estar com ela, no entanto, para Marina não era assim:

Alguns dias depois Marina me chamou para mostrar os objetos que tinha comprado. Não era quase nada: calças de seda camisas de seda e outras ninharias.
 — Que é do resto?
 — Que resto? perguntou espantada. É só isto. Veja se as camisas estão bem-feitas, diga se as cores lhe agradam.
 — Muito boas, murmurei.
 — Mas você nem está olhando.
 — Para quê? Não entendo. O que vejo é que falta quase tudo.
 — Que se há de fazer? É a carestia. Em todo o caso julgo que você aprova...
 (RAMOS, 2013, p. 84).

Luís tinha as camisas bem usadas, os sapatos gastos, a vida levada na ponta do lápis procurando não ficar devendo para não ter que esconder-se, reuniu algumas poucas economias, fruto de um momento de bonança que as coisas pareciam lhe sorrir, mas o nosso protagonista não podia ter camisas de seda, ter calças de seda, nem seis pares novos de meias,

para Luís tudo aquilo era extravagância sem sentido, viu que tudo tinha ido para o ralo, porém, não despropositou, pois, estava tomado pelo fogo, foi ao banco e retirou mais quinhentos mil-réis e pediu a compreensão da jovem Marina que fizesse economia, neste mesmo compasso, transformou-se também, comprou móveis para a casa, trocou os sapatos e o paletó, e Marina admirava a mudança do nosso protagonista, neste íterim, lembrou-se que não tinha dado nenhum presente a sua noiva e cheio de amor foi em busca desse gesto de carinho, algo novo para um homem seco, que nunca tinha amado ninguém:

Liquidei a minha conta no banco, estudei cuidadosamente uma vitrina de joias, escolhi um relógio-pulseira e um anel. Saí da joalheria com vinte mil-réis na carteira, algumas pratas e níqueis. Mais nada. Apenas confiança no futuro, apesar dos encontrões que tenho suportado. Os matutos acreditavam na minha literatura. Vinte mil-réis para o café e cigarros (RAMOS, 2013, p. 85).

Esperança também era uma nova emoção para Luís da Silva, durante toda a sua vida não tinha esboçado pálida sombra deste sentimento, o futuro não existia, apenas o passado, no entanto, agora queria acreditar que tinha motivos para acreditar no amanhã, em futuro com Marina, limpou todas as suas economias, e queria crer que tudo daria certo, acreditava na força do lápis, nas palavras para levantar-se, a literatura iria lhe ajudar.

Porém, havia sinais que o nosso protagonista não percebeu ou se percebeu não quis lhe dar importância, talvez por paixão ou cegueira, a jovem Marina que lhe respondeu maneira monossilábica a proposição mais importante da vida de Luís da Silva, amava o luxo, adorava uma vida que Luís não poderia lhe proporcionar, o Luís que tinha encontrado o amanhã, esparrou numa realidade gorda e inconveniente:

Ao chegar à rua do Macena recebi um choque tremendo. Foi a decepção maior que já experimentei. À janela da minha casa, caído para fora, vermelho, papudo, Julião Tavares pregava os olhos em Marina, que, da casa vizinha, se derretia para ele, tão embebida que não percebeu a minha chegada. Empurrei a porta brutalmente, o coração estalando de raiva, e fiquei em pé diante de Julião Tavares, sentindo um desejo enorme de apertar-lhe as goelas (RAMOS, 2013, p. 85).

O mundo de Luís da Silva tinha desabado, a esperança lhe deu um beijo na face e desapareceu em um instante, o nosso protagonista pegou no ar o que estava acontecendo, Marina estava virada para Julião Tavares, o homem que Luís odiava, que havia entrado como um penetra em sua vida, e que poderia dar a vida de luxo a Marina, coisa impossível para Luís, tudo em Julião Tavares parecia melhor que Luís, os sapatos, a roupa engomada, o aprumo das costelas, que lhe dava ar de superioridade, quando o mundo de Luís da Silva foi

pelos ares e levou os seus sonhos e esperança, uma cólera lhe tomou, queria avançar contra o homem gordo, de fala oleosa, que escorria sem esforço e dava engulhos em nosso protagonista, buscou a bebida, a aguardente, impacientou-se, buscou refúgio nas ruas dos subúrbios da capital, a cidade grande cheia de sufocamentos e desigualdades era para Luís também um escape a suas angustias, saía pelas vielas a noite para fugir dos pensamentos que lhe assombravam, neste turbilhão que o tomou pensou no passado, quis largar tudo e voltar a ser cigano, queria se ver livre, no entanto, estava atado a um amor não correspondido, vivia a desilusão de um homem que sempre esteve sozinho, que nunca se abriu e agora quando tinha construído um sentimento de fé no futuro, tudo se esvaiu; foi a um bar e bebendo mais aguardente avistou uma mulher muito magra que lhe chamou atenção, estava à procura de alguém que não apareceu, Luís lhe ofereceu uma bebida e ela recusou, pois, na verdade estava com fome e o nosso protagonista lhe ofereceu, após fazer alguma cerimônia aceitou e comeu e repetiu, ao termino perguntou a Luís se ele lhe acompanharia a seu endereço na rua da Lama, este encontro casual colocou o nosso personagem em realidade ainda mais deplorável que a sua, o quarto aos pedaços, bagunçado com cheiro de esperma, a moça se ofereceu para Luís e este recusou, não sentia desejo, estava procurando alguém para conversar, mas ficou pensando em Marina, nos momentos a noite no velho quintal e em como o relógio-pulseira que escolheu ficaria bem no braço de sua noiva, não tinha mais noiva naquele momento e diante daquela pobreza Luís da Silva se achou um homem de sorte:

Perfeitamente, um sujeito feliz. Que é que me faltava? Livre. Se me viesse aquela desgraça depois do casamento? A sem-vergonha, admiradora de d. Mercedes, tinha feitiço para cornear marido mais vigilante que eu. — “D. Mercedes é linda, parece uma artista de cinema” Sem-vergonha. Recuperava a minha liberdade. Muito bem. Fazia tempo que não frequentava as mulheres. Pois estava em casa de uma. O pior é que só me restavam catorze mil-réis e uns níqueis. O dinheiro tinha voado, tinha-se esbagaçado, virara camisas de seda, pó de arroz. Dos males o menor.

— Vão-se os anéis, fiquem os dedos.

Magnífica solução. Liberdade, liberdade completa. Pus-me a cantar estupidamente, batendo com os dedos na tábua da mesinha:

Liberdade, liberdade,

Abre as asas sobre nós... (RAMOS, 2013, p. 92 – Grifos do Autor).

Curiosamente não é uma afirmação de liberdade, mas sim uma tentativa de convencer-se de que era livre, que estaria livre, ledoo engano, havia uma corrente, como a pulseira do relógio que levava no bolso, Luís desejou se enganchar com Marina, no entanto, não se enganchou no sentido que queria, queria casar-se, porém, ele emaranhou-se nos garranchos desse amor não correspondido, a liberdade não tinha aberto as asas sobre Luís da Silva.

Marina tentou convencê-lo de que estava enganado, de que o que ele vira na frente de sua casa não passara de uma conversa casual, de um encontro fortuito, sem nenhuma outra intenção escondida, a jovem chorou e Luís começou a ponderar se realmente não teria julgado mal, mas no fundo sabia o que tinha visto e sentido: “Não senhora. A coisa era diferente. Eles tinham sido pegados com a boca na botija, grelando, esquecidos do mundo. Tinham ou não tinham? Sim senhor, mas sem malícia.” (RAMOS, 2013, p. 93), o nosso protagonista sentia no seu íntimo que aqueles olhares não eram inocentes, mas o coração de Luís ainda estava virado para Marina e tentou persuadir a se mesmo de que aquele acontecimento não tinha importância, todavia, não se esqueceu de Julião Tavares:

Procurei mesmo capacitar-me de que Julião Tavares não existia. Julião Tavares era uma sensação. Uma sensação desagradável, que eu pretendia afastar de minha casa quando me juntasse àquela sensação agradável que ali estava a choramingar (RAMOS, 2013, p. 94).

Julião não era uma pessoa, era maior que isso para o nosso protagonista, transformou-se em uma sensação que causa efeito no corpo de Luís da Silva, como uma dor de dente, é um intruso e tudo o que desejava era livrar-se daquele que cruzou o seu caminho e pisou com seus sapatos bem engraxados a esperança que Luís levava no peito. Após perdoar Marina e tentar esquecer o que passou, voltou a tocar no casamento, queria retomar a esperança, questionou Marina quando iria marcar o casamento, no entanto, Marina deu uma resposta imprecisa, vaga, e Luís se aperreou, percebeu que Marina não queria saber das dificuldades que ele estava passando para realizar o casório, e Marina foi perversa quis humilha-lo fazendo exigências impossíveis para quem não tinha mais nenhum tostão no banco, queria tapetes e tapeçarias, a jovem queria deixar Luís ainda mais rebaixado, Luís ainda assim queria ir adiante e anotou as coisas que julgou indispensável e se dirigiu a loja do tio de seu amigo Moisés e comprou os tecidos a prestação, endividou-se e arruinou ainda mais a sua vida:

Assim, acabei de encalacrar-me. Marina recebeu os panos friamente, insensível ao sacrifício que eu fazia, aquela ingrata. Se eu não tivesse cataratas no entendimento, teria percebido logo que ela estava com a cabeça virada. Virada para um sujeito que podia pagar-lhe camisas de seda, meias de seda. Que valiam os tecidos grosseiros comprados ao velho Abraão, ou Salomão, o tio de Moisés? Nem olhou os pobres trapos, que ficaram em cima de uma cadeira, esquecidos (RAMOS, 2013, p. 95).

Tudo ficou esquecido os trapos, relógio-pulseira e o anel, e Luís se desilude, ele que estava perdido no fogo de um amor impossível, tudo não estava as claras, era um amor opaco, com sentimentos nublados, e o amor vai se apagar e dará lugar a uma obsessão e um ódio

brutal; Marina foi se distanciando, o assunto do casório se enterrou, os encontros entre os dois tornaram-se mais em uma formalidade do que um ato de amor e desejo.

Pouco a pouco nos fomos distanciando, um mês depois éramos inimigos. A princípio houve brigas, reconciliações desajeitadas, conversas azedas com d. Adélia. Tempo perdido. Marina estava realmente com a cabeça virada para Julião Tavares. Comecei a passar trombudo pela calçada, remoendo a decepção, que procurei recalcar (RAMOS, 2013, p. 101).

Obsessão e ódio são as sementes jogadas no terreno do espírito de Luís da Silva, ele queria livrar-se daquelas pessoas, desejou não as ter conhecido, cogitou mudar-se, pois tudo era desagradável, ouvir o barulho do armador da rede que Marina se balançava nas noites de calor, escutar os ruídos da casa vizinha que tinha as paredes pegadas, mas tudo era uma tortura, só de ouvir o ranger dos armadores Luís pensava em Marina.

Luís da Silva o homem do passado, que vivia nas reminiscências da infância, da vida cacete que levava, e que experimentou o amor pela primeira vez em sua vida, fez todos os esforços, queria deixar a solidão para trás, mas este homem do passado tornou-se o homem sem futuro, sem esperança, e esta decepção trará ao seu espírito desejos mortais, pensamentos em desordem, objetos banais se transformarão, a obsessão e a caçada entrarão em sua rotina.

Como observamos ao longo de todo trabalho, Luís é um homem que vive no passado as suas memórias, memórias vividas em sua vila sertaneja, momentos de sua infância e adolescência, momentos ruins, degradantes que forjaram um homem solitário, que nunca havia sentido paixão por alguém, vivendo uma vida miserável na cidade, os ratos que sempre estão presentes e o roeram, os animais são próximos de Luís, ele brincou no poço da Pedra com as cobras, correu na chuva gritando para os animais, imaginou o seu amor como um animal, e sempre esteve em situações rasteiras, como se estivesse em um esgoto ao lado dos pequeninos de dentinhos pontiagudos, foi um homem humilhado a vida toda, quando amou perdeu o seu amor por dinheiro, ele aprendeu a caçar para saciar o seu desejo, pegou a franguinha no quintal velho da casa da rua do Macena, mas o que era crença em um futuro feliz virou desilusão. Temos as três pontas desta história e o homem e o bicho irão lutar.

4.3. Sou um bípede, é preciso ter a dignidade dos bípedes

Nós falamos de como o nosso protagonista é um homem do passado e de como esse passado é presente e atua em sua vida, não são memórias fortuitas revividas apenas para justificar um ato ou rememoradas com pretextos, elas vêm de supetão trazem Luís da Silva e nos leva junto para o passado, para a velha vila sertaneja, para reminiscências desagradáveis,

como se fôssemos engolidos por um ralo e nos encontrássemos em um mundo de dor para um vivente nordestino, um mundo sem brilho, sem amor, onde a solidão é senhora.

Do mesmo modo, vimos como em um momento de ajuste em sua vida o nosso protagonista viu o vulto do amor e da esperança, ele se abriu para a possibilidade de viver uma paixão e se ver livre do signo da sua vida que foi o desamor e a solidão, mas uma pedra entrou no seu caminho, ficou entre ele e o seu amor, Marina, sua jovem vizinha, esta pedra gorda chamava por Julião Tavares, esta topada não ficaria sem consequências e agora vamos a elas. Segundo Lima (2007, p. 137 – Grifo do Autor), “Marina é *uma* e outra: é, em alguns momentos, menos uma mulher e mais um efeito de construção discursiva”.

Luís da Silva foi forjado pela solidão, pela falta de amor, pelo castigo da família e da vida, aprendeu a não contestar, aceitar humilhações diversas, ao mesmo tempo, sempre teve em seu espírito uma condição que lhe aproximava dos animais, sempre foi comparado aos animais, sobretudo, animais desprezíveis, animais rasteiros odiados, como os ratos, mas este animal interior foi ganhando casca, foi como uma lagarta que entra em seu casulo e transforma-se em uma borboleta, e voa para a sua liberdade, no caso de Luís da Silva não se trata de borboleta, mas sim de um animal que anda nas sombras que teve uma vida ultrajante e que vai ser alimentado pelo ódio para sair dos costados de parede e realizará uma caçada brutal, para alcançar uma liberdade possível para o nosso protagonista.

Nesta caçada Luís da Silva nos revela este conflito interior e a queda; entre homem e bicho e seus sentimentos confusos, este conflito releva-se no título que escolhemos para esta sessão, nunca se trata de uma afirmação peremptória, mas sim de uma tentativa de autoconvencimento, e como este sentimento é cíclico em nosso protagonista assim como a sua vida que anda em ciclos entre presente e passado. Podemos dizer que iniciamos nossa pesquisa com um recorte que era a presença do autoconvencimento na narrativa e neste momento final o esforço de autoconhecimento se presentifica no discurso do protagonista.

Luís da Silva sofre com a sua desilusão e acaba iniciando a sua perseguição, nutrindo uma obsessão sobre o seu amor e o seu algoz. Ele começa a ouvir através das paredes o movimento da casa vizinha, preocupa-se com os acontecimentos na casa ao lado, ao mesmo tempo que isso acontece a imagem de um objeto irá se multiplicar em suas retinas, objetos longos se transformarão em armas e um desejo crescerá em sua mente:

A voz oleosa de Julião Tavares continuava a perseguir-me. Era como se eu estivesse diante de aparelho de rádio, ouvindo língua estranha. Distanciava-me. As palavras gordas iam comigo. Umam chegavam completas, outras alteravam-se — ruídos confusos e vogais indistintas. Necessário dar cabo

daquela voz. Se o homem se calasse, as minhas apoquentações diminuiriam (RAMOS, 2013, p. 104).

O fim de uma voz gorda traria a paz para ele, pois esse desejo vai crescer muito em seu espírito, pois é uma necessidade vai se precipitando, vai escorrendo para fora de Luís da Silva que ver em um cano exposto na parede a feição de uma corda, e Luís vai se emaranhar pouco a pouco na direção do alimento para a sua cólera.

As cordas aparecerão em diversos objetos e animais, os animais tão íntimos de Luís, vão aparecer no passado com uma lembrança de seu avó debatendo-se no chão com uma cobra no pescoço, ou no suicídio de um pobre velho que foi humilhado por passar fome, imagens que ficaram gravadas na vida de Luís da Silva, da sua infância em preto e branco e foi restituído o passado em sua vida presente, as cordas estarão no seu espírito enroladas por uma desilusão, pelo desamor: “O vento gemia nos arames da Nordeste, e os arames balançavam como cordas” (RAMOS, 2013, p. 105), enquanto ele perseguia e procurava acompanhar cada passo de Julião Tavares e Marina estes eram seus pensamentos, as cordas apareciam em todos os lugares, pulsavam em sua consciência os arames: “Esta comparação dos arames a cordas vinha-me ao espírito com insistência. Se pudesse trabalhar, escrever, livrar-me daqueles arames...” (RAMOS, 2013, p. 107). Na verdade, era como o protagonista estivesse preso, estivesse amarrado aquelas pessoas, se tornaram sua obsessão, o nosso protagonista tinha a necessidade de saber onde estavam os dois e a visão dos dois sozinhos lhe perturbava, se estivesse em uma reunião com os amigos no café e não soubesse o paradeiro de Julião e Marina, corria, voltava a casa para ouvir o burburinho e aliviar a sua angústia, esta que lhe atormentava, lhe causava sentimento de perda, pois, já haviam lhe tirado o amor de sua vida:” Parecia-me que, na minha ausência, Julião Tavares penetraria na casa e levaria o que me restava: livros, papéis, a garrafa de aguardente. Sentia-me preso como um cachorro acorrentado, como um urubu atraído pela carniça” (RAMOS, 2013, p. 110).

Estava preso Luís da Silva? Sim, no sentido discursivo da narrativa, o sentido simbólico do termo evidencia que ele estava amarrado ao destino dessas duas pessoas. É interessante notar como mais uma vez o nosso protagonista ganha as feições de animais e estes são animais que estão em situação degradante ou em total repugnância. Assim, Luís da Silva não queria perder mais, pois já havia perdido a esperança e o sossego, e a falta desses sentimentos lhe agitava o espírito, deixava uma vida em constante exasperação.

A vida de Luís da Silva andava desordenada; as dívidas cresciam e ele só tinha energia para perseguir Julião Tavares e Marina, pois era o único assunto que despertava o seu interesse; não tinha energia para trabalhar, escrever e, ao mesmo tempo, crescia a intimidade

entre Marina e Julião Tavares. Luís da Silva desejou se reconciliar, desejou lavar as feridas, esquecer-se da existência de Julião Tavares e seguir o seu projeto de esperança com aquela que lhe ganhou. Então, o passado pela primeira vez poderia ser deixado para trás, não importaria o que fizera, queria Marina de volta, deixou “uns restos de amor próprio, tudo se sumiu” (RAMOS, 2013, p. 115), no entanto, esse desejo não se realizou.

Continuou o seu desespero, a sua angústia e com a chegada da companhia lírica a cidade, uma cena que se tornou recorrente em frente a sua casa, as idas de Julião Tavares e Marina a ópera, o burburinho na casa ao lado aumentou, caixas e pacotes foram entregues na casa de Marina e quando a limousine encostava a casa ao lado uma observação do nosso protagonista abastecerá o seu ódio:

Por que seria que o peitilho de Julião Tavares brilhava tanto e não se amarrotava? Julião Tavares ficava duro como um osso fraturado envolvido em gesso, tinha o espinhaço apumado em demasia, olhava em frente, com segurança, a vinte passos. O peitilho da camisa absolutamente chato (RAMOS, 2013, p. 126).

Esse retrato de superioridade de Julião Tavares engordou a raiva de Luís da Silva, cuja indagação agitava-o, como aquele homem sobre o qual só tinha desprezo poderia ter tais qualidades; o sujeito que lhe tirou a esperança e a fé no futuro, que andava de mãos dadas com Marina a caminho do teatro, e Luís da Silva, com a vida aos pedaços com dívidas, sem nenhum tostão para ir à ópera nem que seja para manter os olhos sobre aquelas duas pessoas, torna-se a sua própria obsessão, olhando para si, aumentando a raiva:

A minha camisa entufa no peito, é um desastre. Quando caminho, a cabeça baixa, como a procurar dinheiro perdido no chão, há sempre muito pano, subindo-me na barriga, machucando-se, e é necessário puxá-lo, ajeitá-lo, sujeitá-lo com o cinto, que se afrouxa. Estes movimentos contínuos dão-me a aparência de um boneco desengonçado, uma criatura mordida pelas pulgas. A camisa sobe constantemente, não há meio de conservá-la estirada. Também não é possível manter a espinha direita. O diabo tomba para a frente, e lá vou marchando como se fosse encostar as mãos no chão. Levanto-me. Sou um bípede, é preciso ter a dignidade dos bípedes (RAMOS, 2013, p. 126-127).

Esta comparação demonstra como a entrada do antagonista na narrativa em seu caminho o perturbou ainda mais, reforçando a condição triste de Luís da Silva, condição que o apequena. Julião Tavares tinha as coisas que eram inalcançáveis para Luís da Silva. Aquele é, então, burguês, demonstrando o confronto entre as ideias socialistas de Luís da Silva e o capitalismo. Para Bosi (1985, p. 453), “Graciliano via em cada personagem a face angulosa da opressão e da dor”. A visão de Julião Tavares lhe dá a impressão de que o dinheiro lhe

proporcionava andar daquela forma elegante, chamando a atenção de todos e essas coisas tiraram do nosso protagonista a possibilidade de ser feliz, ou melhor, a ausência delas. Daí, a opressão citada pelo teórico acima. Ao mesmo tempo, há uma tentativa de Luís da Silva se ver como humano, como um ser que ande sobre duas pernas, um bípede, essa desilusão nutriu o conflito interior homem-bicho de Luís da Silva. Subitamente as visitas de Julião Tavares cessaram, e aquele acontecimento chamou a atenção de Luís da Silva:

As visitas de Julião Tavares foram escasseando e a alegria ruidosa de Marina pouco a pouco desapareceu. Havia grande silêncio na casa vizinha. Seu Ramalho estava contente.

— Parece que a tonta criou juízo.

— Acha? Perguntei incrédulo (RAMOS, 2013, p. 135).

O ceticismo de Luís da Silva em relação a Marina e o sumiço de Julião Tavares parecia intuição de que algo grave teria acontecido, não seria um simples término, uma iluminação sobre qualidades postizas de Julião Tavares ou correção de rumos na vida da jovem vizinha, alguma coisa teria irrompido e os sinais não custaram a aparecer:

D. Adélia andava com a cara comprida e o nariz vermelho, assoando-se e soltando longos suspiros. Uma tarde encontrei Marina engulhando junto ao mamoeiro. Eram arrancos que a sacudiam toda, a faziam torcer-se agarrada ao tronco, o rosto contraído, muito descorado. Não me viu e entrou em casa cuspiendo (RAMOS, 2013, p. 136).

O sentimento confuso de Luís da Silva em relação à Marina se manifesta unicamente no discurso literário (LIMA, 2007), pois o sentimento que destacamos anteriormente de amor e ódio fez com que o nosso protagonista não se atentasse aos sinais, mas também ele sentiu prazer em ver a jovem no quintal da velha casa sofrendo, colocando os bofes para fora, as entranhas contraindo-se, precisou que o acaso lhe abrisse os olhos, um encontrão na rua fez com que enxergasse o que a retina não captou de início:

Na calçada um ventre extraordinário ia inchando, ventre que tomava proporções fantásticas. Os transeuntes atravessavam aquela barriga transparente, às vezes paravam dentro dela, e isto era absurdo, dava-me a ideia de gestações extravagantes.

Agora havia duas imagens distintas: uma barriga que se alargava pela cidade e a mulher que mostrava apenas um pedaço de cara. Nessa parte visível, endurecida pelo sofrimento, pouco a pouco se esboçavam as feições de Marina. Os cabelos, que a mulher tinha grisalhos, tornavam-se louros. A bochecha era pintada, a metade da boca excessivamente vermelha, o olho único muito azul.

Eu fervia de raiva. Se tivesse encontrado Julião Tavares naquele dia, um de nós teria ficado estirado na rua (RAMOS, 2013, p. 139).

Esse choque abriu os olhos de Luís da Silva para a constatação de uma verdade doída, Marina que negaceou aos seus desejos havia se entregado a Julião Tavares, o herdeiro da Tavares & Cia teria seduzido a mulher que era o seu amor, o vômito de Marina era consequência das visitas de Julião Tavares, das idas a ópera, e agora tudo se clareou, o homem gordo sumiu, e Marina estava numa encrenca, tudo isto foi *tsunami* sobre o copo que estava quase cheio de raiva no espírito de Luís da Silva.

No entanto, carecia de confirmação para essa angústia que envolvia Luís da Silva, que os dois certamente haviam se atracado era certo, porém, o nosso protagonista precisava saber a verdade, e foi em um dia rotineiro quando estava tomando banho, o banho que era um ritual diário, o café antes de entrar no banheiro as seis e saía de lá por volta das oito da manhã e corria para a repartição, nesse ritual diário Luís aprendeu a perceber entre a parede quem se banhava no banheiro da casa ao lado, seu Ramalho ligeiro na lavagem do corpo, d. Adélia tomava o banho docemente e cantarola uma cantiga cristã, já Marina era um pé de vento e Luís aprendeu a sentir cada movimento da jovem vizinha para além da parede; naquele dia estava diferente:

Os movimentos dela eram tão vagarosos que eu os percebia a custo. Era preciso adivinhá-los. Assou-se e lavou as mãos na torneira.

— Virgem Nossa Senhora!

E punha-se a cuspir. Aquela queixa mostrava um desengano enorme. Pareceu-me que o mundo se tinha despovoado e Marina estava completamente só. Senti o desejo de bater na parede e chamá-la:

— Marina, que foi que aconteceu?

Queria que ela me iludisse, jurasse que não havia acontecido nada. Mordi as mãos para não gritar (RAMOS, 2013, p. 142).

Essa confirmação martelou o juízo de Luís da Silva, a derrocada de Marina foi o estopim para precipitarem-se os sentimentos de mortandade que existiam dentro do nosso protagonista, esses sentimentos já haviam surgido quando da intromissão com ares de superioridade de Julião Tavares na vida de Luís, também lhe ocorreu quando descobriu as intenções de Julião Tavares para com Marina, contudo, agora vinha como uma onda sobre um castelo de areia, destruindo o senso e a razão de Luís da Silva:

Era evidente que Julião Tavares devia morrer. Não procurei investigar as razões desta necessidade. Ela se impunha, entrava-me na cabeça como um prego. Um prego me atravessava os miolos. É estúpido, mas eu tinha realmente a impressão de que um objeto agudo me penetrava a cabeça. Dor terrível, uma ideia que inutilizava as outras ideias. Julião Tavares devia morrer (RAMOS, 2013, p. 147).

Tornou-se um objetivo de vida para Luís da Silva, o nosso protagonista que vinha aguentando humilhações, sendo tratado como um animal insignificante, um parafuso que era apertado sobre uma engrenagem, essa vida levada a muito custo e a confirmação do que tinha acontecido entre Julião Tavares e Marina fez com que os sentimentos ruins viessem à superfície para colocar diante de Luís da Silva um propósito, que se materializou diante dele, ou seja, de cessar uma voz gorda, cortar a banha, ele imagina como executaria esse desígnio, “morreria violentamente e sem derramar sangue” (RAMOS, 2013, p. 148), porém, o momento não se fez de pronto, antes era preciso caçar, farejar, olhar as pegadas no chão.

Como já destacamos em momento anterior, Luís da Silva tinha um mundo cheio de cordas, um cano na parede ganhou as feições de uma corda, a cobra enrolada no pescoço de Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva parecia-se com uma corda, no pescoço do velho faminto dependurado no pé de carrapateira tinha uma corda, os arames da Nordeste pareciam com cordas, as cordas estavam rodeando o mundo de Luís da Silva, mas não tinha aparecido diante dele esse objeto que estava amarrado em seu espírito.

Foi um personagem que já mencionamos anteriormente, personagem esse que cumpriu papel relevante no destino desse homem atormentado, angustiado, por uma gentileza de quem não tinha nada para dar, que levava uma vida pior que a de Luís da Silva, o homem que tinha os olhos sem brilho, o andarilho e pedinte seu Ivo, lhe colocou diante de suas ideias:

Seu Ivo apareceu aqui em casa faminto, meio nu e meio bêbado, como sempre. Enquanto Vitória lhe preparava a comida, fez-me um presente:
 — Está aqui, seu Luisinho, que eu lhe trouxe.
 E pôs em cima da mesa uma peça de corda.
 — Para que me serve isso, seu Ivo? Onde foi que você furto isso?
 — Não furtei não, seu Luisinho, achei na rua. Guarde para o senhor. É bonitinha.
 E entregou-se ao prato que Vitória lhe ofereceu.
 — Muito obrigado, seu Ivo.
 Aproximei-me da mesa, desenrolei a peça de corda. Mas, com um estremecimento, larguei-a e meti as mãos nos bolsos, indignado com caboclo:
 — Retire isso daí, seu Ivo. Que diabo de lembrança idiota foi essa?
 (RAMOS, 2013, p. 150-151).

Esse encontro fez com que os impulsos de Luís se desnudassem, as ideias de morte agora tinha encontrado a sua arma, o nosso protagonista tentou se esquivar, no entanto, o que ele levava dentro de si era maior, aquele objeto que havia rondado o seu imaginário durante os últimos tempos agora se materializara ao alcance de suas mãos, colocou as mãos nos bolsos, apesar disso, aquele objeto agora se tornara um imã, ou uma luz que atrai mariposas, que não poderia ser sequer pronunciado:

Evitava dizer o nome da coisa que ali estava em cima da mesa, junto ao prato de seu Ivo. Parecia-me que, se pronunciasse o nome, uma parte das minhas preocupações se revelaria. Enquanto estivera dobrada, não tinha semelhança com o objeto que me perseguia (RAMOS, 2013, p. 151).

A corda fez Luís voltar a reminiscências da velha vila sertaneja, reviu cadáveres diversos, homens cortados a faca que eram carregados em redes brancas e vermelhas, e nesta viagem no tempo não conseguiu controlar os seus instintos, sorria sem ter motivo aparente, seu Ivo se assustava, o motivo estava diante dos seus olhos, a arma em forma de caracol estava em cima da mesa, aquele objeto parecia coisa viva, estava viva convidando Luís da Silva a agarrara-la e levá-la consigo, era um instinto selvagem que estava consumindo o nosso protagonista, este que não tinha sensibilidade diante dos mortos, tinha visto em sua vida diversos defuntos e nenhum deles lhe dava medo, era um homem castigado pela solidão, por uma vida sem cor, e com muita miséria e violência.

Luís da Silva após viajar no tempo, ir ao passado e rever estes sujeitos cortados, humilhados, ceifados com violência extrema ou por a humilhação da fome voltou-se para a sala, Vitória estava na cozinha, seu Ivo depois de comer e beber um cálice de aguardente dormia de boca aberta encostado na parede e o nosso protagonista cedeu aos seus impulsos: “Agarrei a corda, fiz dela um bolo, meti-a no bolso. O coração batia-me desesperadamente” (RAMOS, 2013, p. 159),

Esta corda seria uma companheira, ficaria neste bolso, beliscando a mão de Luís quando este tentava pegar um cigarro enquanto estava num café perseguindo Julião Tavares, o nosso protagonista queria realizar o seu desejo ali mesmo, no entanto, não ia adiante com seus pensamentos, Luís seguia Julião com pensamento de que este poderia estar se encontrando novamente com Marina, estes dois são as suas obsessões, nesses momentos de tocaia apertava a corda que levava no bolso, o nosso protagonista pensou em se desfazer daquele objeto planejou jogá-lo fora, porém, por uma prudência que não ocorreu a seu Ivo não fez isso, pois, achava aquilo “sujo e perigoso” (RAMOS, 2013, p. 167), e quando corria a rua do Macena para perceber a presença de Marina e retornava ao café e notava a ausência de Julião, saía a procurá-lo.

Em uma das escapadas de Marina, Luís da Silva acompanhou, saiu no seu encalço, esgueirando-se para não ser visto pela sua jovem vizinha que estava carregando o filho de Julião Tavares, encontrava-se em um bairro pobre capital Maceió, tinha mato nas calçadas, lixo, cachorros soltos e maloqueiros vadiando na frente das bodegas, Marina andava com

dificuldade na rua de terra fofa, ia arfando, procurando uma casa específica e Luís lhe observava quando:

Marina parou diante de uma casinha baixa, hesitou, bateu à porta. Toda a minha atenção se concentrou num olho, porque na esquina em que me achava apenas apresentava à rua uma banda da cara. Quando ela entrou, desentoquei-me, aproximei-me da casinha e vi uma placa azul com letras brancas: “Albertina de tal, parteira diplomada” (RAMOS, 2013, p. 171 – Grifos do Autos).

Luís da Silva sentia-se um intruso naquele bairro pobre, mas preferiu aguardar Marina em uma bodega, pediu aguardente, conversou coisas despropositadas com o homem simples que lhe servia a cachaça no copo sujo, incomodava Luís as pichações incendiárias sem pontuação escritas com carvão nos muros, no momento que bebe o seu cálice começa a imaginar como seria o procedimento a que Marina estava se submetendo, e como seriam as feições e o jeito de d. Albertina parteira diplomada, pensava sobre os possíveis futuros para a criança de Marina e Julião que não viria a nascer, e que não teria uma vida como a sua, de sofrimento e de penúria.

De repente, Marina finalmente saiu da pequena casa de d. Albertina tomou o caminho da rua cheia de areia o que dificultava o caminhar, Luís largou a bodega e saiu atrás de Marina, sentia que ela havia envelhecido e se purificado após o trabalho da parteira, e começou a chamar Marina, primeiro tossiu, depois fez perguntas debochadas e prosseguiu com raiva, tudo surgiu no espírito de Luís da Silva, o passado, o bodegueiro, os armadores, e a lembrança dos ratos que o atormentava e Luís começou a insultar Marina chamando-a de puta por diversas vezes, este palavrão foi martelando, pesando sobre a pobre jovem que ia com dificuldade, e os sentimentos que um dia o nosso protagonista sentiu por Marina, de amor e de esperança em um futuro a dois, foi colocado em seu lugar aquele insulto, aquela injúria puta! Dita repetidamente, nessa altura Marina suplicava para que a soltasse, mas Luís não atendia aquele pedido desesperado, pois, estava totalmente absorvido em sua raiva e Marina estava com outras feições, feições de uma defunta e saíram dos lábios de Luís da Silva mais do que o insulto:

— Enfim tudo se acabou, não é? perguntei. O filho morreu, boa solução. Marina estremeceu violentamente e parou, olhando-me pela primeira vez. O rosto contraído esmoreceu num desmaio, o corpo diminuiu. Pareceu-me que ia enterrar-se todo na areia. A voz morria-lhe na garganta, sons roucos e incompreensíveis, mas os olhos apavorados negavam, a cabeça agitava-se desordenadamente, negando (RAMOS, 2013, p. 182).

O ódio transformou Luís da Silva em um sujeito cruel, sem sentimentos, humilhou a única pessoa a quem amou na vida, tripudiou de sua desgraça de sua má sorte por causa do rancor e do despeito, era um bicho, tornara-se o pior dos animais, o animal pretensamente racional com sede de vingança, este trazia consigo os piores impulsos selvagens que nenhum animal na natureza pode ter, neste anticlímax o sofrimento de Marina e os piores sentimentos de Luís da Silva vêm à tona, nada importa, Luís abandona as conveniências e as aparências, a perseguição e os insultos são feitos no meio da rua, com pessoas passando ao seu lado, a raiva, o ódio, e as piores emoções são as tintas desse quadro sem espaço para a compaixão.

Após esse momento de fúria para com Marina, Luís da Silva que andava caçando Julião Tavares fez uma descoberta, o homem gordo herdeiro da Tavares & Cia teria conquistado uma moça, quando Julião Tavares pegava o bonde em direção a Bebedouro Luís ia no seu rastro, ficava de tocaia, esperando Julião aparecer, o bairro tinha um ar sombrio, as lâmpadas espaçadas conferia-lhe sombras excessivas, e nessa escuridão Luís ia como um animal noturno se escondendo da presa, avistando o vulto do homem que ia encontrar-se com uma outra Marina.

Finda a entrevista na casa modesta, o modo de proceder de Julião Tavares era semelhante à maneira como procedeu com Marina, menina pobre do subúrbio, poderia se desenroscar facilmente com ajuda de seus advogados caso fosse necessário, e a presa finalmente saiu para o relento:

Quando me aproximava da casinha encostada ao monte, um vulto pulou na estrada a alguns passos de mim e ganhou os trilhos da Great Western. Adiantei-me para não perdê-lo de vista. A escuridão esbranquiçada feita pela neblina aumentava, escuridão pegajosa em que os postes espaçados abriam clareiras de luz escassa (RAMOS, 2013, p. 191).

Sob a garoa no meio da escuridão a caçada de Luís da Silva se iniciava, o nosso protagonista andava farejando como cachorro, e de repente sua presa estava ao alcance das vistas, era um homem gordo que andava fumando na escuridão, no meio da neblina do bairro de Bebedouro na capital dos alagoanos, Luís também sentia necessidade de fumar, queria fumar, mas não tinha cigarros quando colocava as mãos no bolso da calça sentia a aspereza da corda que seu Ivo lhe tinha dado de presente, o homem caminhava firme em direção a cidade e perturbava a Luís da Silva o pensamento de que este sujeito dormiria em paz naquela noite, o nosso protagonista é levado por um estado de embriaguez em meio a seus impulsos selvagens, roda em sua mente as reminiscências do passado, as humilhações, a perda de

Marina e também um sentimento confuso uma hora sentia piedade por Julião Tavares e depois voltava o seu ódio, a sua sede pela morte daquele indivíduo.

O desejo de fumar levava-me ao desespero. O acesso de piedade sumiu-se, o ódio voltou. Se me achasse diante de Julião Tavares, à luz do dia, talvez ódio não fosse tão grande. Sentir-me-ia miúdo e perturbado, os músculos se relaxariam, a coluna vertebral se inclinaria para a frente, ocupar-me-ia em meter nas calças a camisa entufada na barriga. Afastar-me-ia precipitadamente, como um bicho inferior. Agora tudo mudava, Julião Tavares era sombra, sem olhos, sem boca, sem roupa, sombra que se dissipava na poeira de água (RAMOS, 2013, p. 193).

A escuridão engoliu os privilégios de Julião Tavares e o igualou aos homens comuns, não importava mais a sua literatura postíça, não interessava as suas roupas perfeitas, os olhos, tudo sumiu na neblina da noite chuvosa, e Luís da Silva que sempre se colocou como um animal rasteiro e inferior, naquela situação era o predador, era como uma onça que cerca um porco do mato, que na noite tem os seus sentidos aguçados, suas forças aumentadas, no entanto, algo ainda falava dentro do nosso protagonista, algum resto de humanidade queria que Julião desembestasse e escapasse do perigo:

Desejei que Julião Tavares fugisse e me livrasse daquele tormento. Se ele corresse pela estrada deserta, estaria tudo acabado. Eu tentaria alcançá-lo. Inutilmente. Pensei em gritar, avisá-lo que havia perigo, mas o grito morreu-me na garganta (RAMOS, 2013, p. 195).

O grito emudeceu e Julião Tavares seguiu tranquilo, como se estivesse voando sob a estrada de ferro, nada lhe deixava aflito, caminhava em paz fumando o seu cigarro e aquilo para Luís da Silva era uma afronta, a piedade, a humanidade sumiu como um passe de mágica, o nosso protagonista lembrava-se das humilhações sofridas que alimentava o ódio aos poderosos e ali na escuridão caminhava sereno um poderoso, gordo e cheio de banha, o conflito entre homem e bicho vai se intensificar, e a tentativa sempre recorrente de se convencer de que não é um bicho uma vez mais vai aparecer:

Nas redações, na repartição, no bonde, eu era um trouxa, um infeliz, amarrado. Mas ali, estrada deserta, voltar-me as costas como a um cachorro sem dentes! Não. Donde vinha aquela grandeza? Por que aquela segurança? Eu era um homem. Ali era um homem.

— Um homem, percebe? Um homem.

Julião Tavares não ouviu e continuou a andar tranquilamente.

— Corre, peste.

Por que era que o miserável não corria, não se livrava dos meus instintos ruins? (RAMOS, 2013, p. 195).

Essa luta travada em seu interior lhe persegue, mesmo afirmando ser um homem agia como um bicho, farejava como bicho, perseguia como bicho, quis saciar os seus desejos como um bicho, e a tentativa era inútil de convencer-se ali, pois, não tinha mais volta, mesmo as súplicas para que Julião Tavares fugisse eram inúteis, a sua obsessão não cessaria sem que o vaticínio fosse cumprido, o bicho não dava espaço para o seu lado humano, o seu lado de literato, a violência e a miséria podaram este lado do homem Luís da Silva, na escuridão com a vingança ao alcance das mãos, todas essas tentativas seriam frustradas: “Fiz um esforço desesperado para readquirir sentimentos humanos” (RAMOS, 2013, p. 195), o esforço não logrou êxito, o homem inexistia, era um bicho que iria dar o seu bote fatal, como a onça que ouvia nas histórias de José Baía na velha vila sertaneja, suas garras tinham as formas de um caracol e iria estrangular como uma jiboia que mata a sua presa antes de a engolir.

Retirei a corda do bolso e em alguns saltos, silenciosos como os das onças de José Baía, estava ao pé de Julião Tavares. Tudo isto é absurdo, é incrível, mas realizou-se naturalmente. A corda enlaçou o pescoço do homem, e as minhas mãos apertadas afastaram-se. Houve uma luta rápida, um gorgolejo, braços a debater-se. Exatamente o que eu havia imaginado. O corpo de Julião Tavares ora tombava para a frente e ameaçava arrastar-me, ora se inclinava para trás e queria cair em cima de mim. A obsessão ia desaparecer. Tive um deslumbramento. O homenzinho da repartição e do jornal não era eu. Esta convicção afastou qualquer receio de perigo. Uma alegria enorme encheu-me. Pessoas que aparecessem ali seriam figurinhas insignificantes, todos os moradores da cidade eram figurinhas insignificantes. Tinham-me enganado. Em trinta e cinco anos haviam-me convencido de que só me podia mexer pela vontade dos outros. Os mergulhos que meu pai me dava no poço da Pedra, a palmatória de mestre Antônio Justino, os berros do sargento, a grosseria do chefe da revisão, a impertinência macia do diretor, tudo virou fumaça. Julião Tavares estrebuchava. Tanta empáfia, tanta lorota, tanto adjetivo besta em discurso — e estava ali, amunhecando, vencido pelo próprio peso, esmorecendo, escorregando para o chão coberto de folhas secas, amortalhado na neblina. Ao ser alcançado pela corda, tivera arranco de bicho brabo. Aquietava-se, inclinava-se para a frente, os joelhos dobravam-se, o corpo amolecia. Eu tinha os braços doídos e as mãos cortadas. Enquanto Julião Tavares estivesse com a cabeça erguida, a minha responsabilidade não seria tão grande como depois da queda (RAMOS, 2013, p. 196-197).

O ataque ocorreu de forma brutal, e o que nos chama atenção é a naturalidade, como se aquele expediente fizesse parte da vida do homem que ganhara forças, aconteceu naturalmente como um animal faz no seu habitat agarra a presa, e a subjuga, a mantém sobre as suas garras, o vaticínio estava se cumprindo e com ele a obsessão iria sumir, desaparecer na neblina de uma noite de chuva renitente no bairro de Bebedouro, a pedra no meio do caminho estava sendo retirada, aquela pedra gorda e pesada, e o deslumbramento de Luís da Silva o fez pela primeira vez em sua vida se ver como um ser superior e os demais insignificantes, este

momento lhe deu a maior alegria de sua vida, finalmente não era sujeitado a humilhações estava retirando aquela sensação incômoda que era Julião Tavares de sua vida, tudo aconteceu naturalmente e os atributos de Julião Tavares não importavam, não iria salva-lo daquele bicho de duas pernas que lhe apertava o pescoço, toda a satisfação durou até que a presa, o corpo sem vida tombou sobre o chão úmido cheio de galhos.

O corpo morto fez com que o nosso protagonista saísse aos poucos do seu transe, da sua embriaguez feroz, imaginou que alguém poderia vê-lo naquela situação, imaginou os homens da velha vila sertaneja dependurados sobre os galhos das árvores, o passado veio lhe trazer uma ideia para sair daquela situação, as memórias, o velho Evaristo no pé de carrapateira, e Cirilo de Engrácia lhe deu uma iluminação, uma maneira de sair dali sem ter que carregar o cadáver de seu inimigo: “Julião Tavares podia ficar assim, pendurado a um galho, como um suicida” (RAMOS, 2013, p. 199).

Não seria uma tarefa fácil, porém, Luís se agarrou a ela antes que voltasse ao seu transe que lhe inutilizava os movimentos, sentia frio, os seus dentes batiam, mas com a resolução, fez um laço e iniciou o seu trabalho:

A ideia de que Julião Tavares era um cadáver estremeceu-me. Não tinha pensado nisto. Horrível o corpo imóvel, esfriando. Lá estava a cabeça ainda morna. Enjoado, cuspiendo muitas vezes, erguia-a, passei o laço no pescoço. Prendi nos dentes a outra ponta da corda, subi à cerca, trepei-me num galho da árvore. E comecei o trabalho de guindar o morto. (RAMOS, 2013, p. 199)

Esse trabalho foi árduo, Luís sentia seus ossos estalarem para erguer o defunto, tirá-lo alguns centímetros do chão seria suficiente, tinha que agir rapidamente, pois, poderia um transeunte lhe pegar cometendo aquele delito, quando de repente ouviu algumas vozes de pessoas que se aproximavam, Luís começou a pensar na cadeia, lugar sujo, em passar trinta anos na prisão, uma das mulheres passou alguns passos de distância do morto dependurado e Luís da Silva agoniado para subir aquela massa balofa, até que conseguiu elevar o morto:

— Sobe, Julião Tavares. Para que serve essa resistência atrasada?
Uma lentidão de lesma. Subitamente notei que o corpo subia e balançava. Passei rápido a corda pelo galho. Outra volta, outras voltas, um nó que me levou o resto da energia, e fiquei ali arquejando, desmanchando-me em suor (RAMOS, 2013, p. 202).

Luís da Silva custou para sair de um estado de entorpecimento e descer da árvore, adormeceu por alguns instantes, até que conseguiu, procurou seu chapéu que havia caído na luta com Julião Tavares encontrou o de Julião e o jogou fora, após muita procura encontrou o seu chapéu e juntou as últimas forças e começou a correr em direção à cidade, parou um

momento assustado, pois, aquela correria poderia chamar a atenção, começou a caminhar, tinha o desejo de fumar, beber aguardente e dormir, encontrou um vagabundo que lhe deu um cigarro, tentou se comunicar com este que lhe ignorou, tinha o desejo de dormir e Luís estava lhe tirando o sossego, o nosso protagonista lhe agradeceu o cigarro e seguiu em direção a sua do Macena, queria beber, dormir e esquecer Julião Tavares. Luís da Silva pensou em testemunhas, e em álibis para aquela noite, estaria em casa, na redação, no entanto, notou que logo perceberiam a mentira e no meio desses pensamentos chegou em casa, abriu a porta devagar com medo de acordar Vitória, ligou a luz e percebeu que estava imundo como um porco foi ao banheiro lavar as mãos, todavia, percebeu que todo o seu corpo estava sujo, a cabeça teria tocado o chapéu do defunto que balançava em Bebedouro, entrou no tanque, lavou-se e começou a beber aguardente, encontrou cigarros e fósforos e em meio a pensamento confusos, achava que alguém teria batido em sua porta, Luís da Silva bebeu o líquido da garrafa, percebia o ronco de Vitória e o tique-taque do relógio, levantou-se cambaleando, atordoado, caiu em sua cama como um morto.

4.4. Onde o passado encontra o presente

Luís da Silva finalmente deu fim a sua obsessão, no entanto a angústia não lhe deixaria jamais, sempre foi sua companheira, este homem que conviveu com os bichos, que teve uma vida de bicho, caçou e matou como um bicho teria essa companhia inclemente até o fim de sua vida.

No dia seguinte tentou livrar-se das provas que podiam lhe incriminar, a sua calça rasgada, o seu paletó, a sua gravata que parecia uma corda, tinha que livrar-se daqueles objetos e inventou uma desculpa para Vitória sair e deixa-lo sozinho, cortou e esfiapou a velha gravada, tentou esconder os demais pertences em baixo do colchão, mas não poderiam ficar ali, Luís estava doente, sentia febre e não conseguia tirar a atenção dos transeuntes que passavam na rua, a dor na mão lembrava-o do que acontecera e quando isto lhe acontecia “deseja ser como os bichos e afastar-me dos outros homens” (RAMOS, 2013, p. 216), e pouco e pouco o nosso protagonista foi sendo consumido em um delírio, e quando a sua rua estava em silêncio, lembrava-se que “noutra rua havia lágrimas, desespero e cabelos arrancados” (RAMOS, 2013, p. 216), e fora ele o causador desta desordem, o espírito de Luís da Silva estava em desordem todos os viventes que lhe tocaram a vida se embaralharam no seu juízo, os que moraram com ele na velha vila sertaneja, os que toparam com ele na rua no tempo de mendigo, Vitória, os amigos Moisés e Pimentel, Rosenda que lhe dera a xicara de

café, Amaro vaqueiro, José Baía, animais, cavalos correndo e o zumbido de carapanãs, tudo se movia no espírito confuso, angustiado de Luís da Silva.

As coisas se movimentavam, as telhas dançavam, uma imagem se repetia da mulher que lavava garrafas e o homem que enchia dornas, Luís perdido em seu pensamento ia topar com os fatos:

— Não fui eu, gritei recuando e tropeçando na cadeira. Os cabelos arrepiavam-se, um frio agudo entrou-me na carne, os dentes tocaram castanholas. Nada havia acontecido comigo. Senti-me vítima de uma grande injustiça e tive desejo de chorar. Vieram-me lágrimas, que esmaguei. Eu estava de parte, ouvindo o zum-zum das carapanãs (RAMOS, 2013, p. 221).

Luís não saía mais de sua cama havia semanas, a única coisa que lhe orientava era uma réstia na parede, ele tentava ler um livro que haviam deixado em seu quarto em uma visita, sabia que teria deixado o livro, mas não conseguia apreender aquelas palavras, Luís da Silva parecia encaminhar-se para um destino semelhante ao do seu velho avô Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva, a memória que sempre lhe fora tão cara, que foi a sua bússola durante sua vida, pois, sem as suas reminiscências não existiria Luís da Silva, o passado lhe orientava no presente, agia na sua vida presente e agora parecia que ela lhe enganava, que estava o abandonando:

Sem memória, um idiota. Chorava, batia com a cabeça no ferro da cama, puxava os cabelos. Olhava as mãos. As unhas crescidas e sujas, a escoriação da palma secando e cicatrizando, os dedos compridos, escuros, com uns nós muito grossos. Sem memória (RAMOS, 2013, p. 223).

Um vivente perdido, que ia enlouquecendo pouco a pouco, perdendo o que lhe dava senso na vida, suas memórias, estas estavam se juntando uma na outra e causando mais confusão e angústia, nomes e feições trocavam de lugar na mente de Luís da Silva, assim como aconteceu com seu avô que se esquecera da morte de sua mulher sinha Germana, Luís trocava nomes e pessoas na sua agonia:

— “Obrigado, Vitória. Não quero comer. Traga um copo de água.” Vitória afastava-se arrastando os pés, levando a bandeja com a comida que me dava engulhos. Minutos depois, lá vinha, chap, chap, resmungando, a cara fechada, e entregava-me o copo. Eu bebia, molhando as cobertas. — “Obrigado, Rosenda” (RAMOS, 2013, p. 225).

O passado e o presente estava misturado, Rosenda que lhe estendera a mão com uma xícara de café no dia da morte de seu pai ganhou as feições da velha empregada Vitória, é um

fim semelhante, é mais um ciclo que se fecha na vida de Luís da Silva, o primeiro com seu avó Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva, o segundo com a morte de seu pai Camilo Pereira da Silva, os dois morreram acabados, de forma degradante, um em cima de uma cama sendo enterrado numa catacumba aos pedaços, o segundo deitado em um marquesão pequeno demais para o defunto enorme que lhe deixava os dedos grossos dos pés a mostra e agora Luís que se consumia em sua cama, com suas memórias misturadas, todos os viventes que cruzaram o seu caminho estavam ali, rodeando a cama do quarto da velha casa da rua do Macena em Maceió. “A multidão que fervilhava na parede acompanhava José Baía e vinha deitar-se na minha cama.” (RAMOS, 2013, p. 230-231), a multidão de viventes que moravam no espírito de Luís veio se aninhar com dono dessas memórias: “Um colchão de paina. Milhares de figurinhas insignificantes. Eu era uma figurinha insignificante e mexia-me com cuidado para não molestar as outras. 16.384. Íamos descansar. Um colchão de paina” (RAMOS, 2013, p. 231).

Descansava Luís da Silva, o homem do passado que terminou abraçado a ele, viveu conflitos imensos, embates interiores, ser homem ou ser bicho, o passado, o presente e a angústia foram a pedra de toque de uma vida. Vida tirana sem cuidado sem carinho da infância aos últimos dias, talharam um homem para o ódio, sem o cuidado familiar, exposto a violências brutais, abandonado tendo que virar-se sozinho, aguentando muitas humilhações para ter o essencial, um essencial precário e desumano.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analizamos como a vida de Luís da Silva está ligada ao passado, sendo este passado não como memórias fortuitas sem consequências na vida presente, mas um passado que muda o presente, um passado impositivo que atormenta a vida do protagonista desta narrativa.

Viajamos nesses fluxos de pensamento, nestas viagens ao passado, em seus devaneios, olhamos pelo o olhar de Luís da Silva o sertão com seus animais e demais viventes, vaqueiros, cangaceiros, mulheres, crianças, escravos, além, do seu núcleo familiar e seus costumes e suas dificuldades para lidar com a seca. Ou, ainda, vivemos os sofrimentos de Luís da Silva, pois, quando estamos diante de Angústia não passamos ilesos, é uma narrativa que o leitor se condói, perdemos o ar junto com a pobre criança no poço da Pedra, sentimos a tortura vinda do pai.

As imagens poéticas povoam a narrativa de Graciliano Ramos. A escolha da forma literária nos remete à intromissão na história. Toda a obra nos empurra – ou parece nos empurrar – para as imagens de personagens que convivem no deslocamento e a cidade se movimenta violentamente, independentemente de sua vontade ou não.

O enredo do romance nos leva para uma Maceió do início do século XX; uma cidade grande cheias de desigualdades, com seus palacetes e seus casebres, rodeando a imagem das praias, do porto, em que vemos também a vida cotidiana na cidade e seus costumes, a sua boemia, os seus sabores e dissabores para os ricos e os pobres. Graciliano Ramos nos dá uma cidade provinciana querendo ser moderna, mas está acorrentada a sua história de abandono e violência.

Dessa forma, podemos observar que o amor de Luís da Silva e Marina é construído numa relação de valores e interesses, pois Luís da Silva é um homem que nunca havia amado e encontrou entre os canteiros de alfaces amarelos da casa ao lado o seu grande amor, sua obsessão. Nessa altura, os conflitos do protagonista estão a flor da pele, o conflito amoroso e o conflito entre homem e animal se adensa nos caminhos da narrativa. Assim, a traição de Marina e a chegada de Julião Tavares irá despertar o ódio em Luís da Silva e esse sentimento será o combustível que levará Luís da Silva ao assassinato e, mais tarde, a consciência deste ato.

Podemos dizer que, diante dos resultados da pesquisa, há em Graciliano Ramos uma intenção de explorar o sujeito, que no nosso caso é a personagem. Essa exploração conduz a forma literária graciliânica para um estilo “antirretórico” (SOUZA, 2013, p. 235). A escrita

assume a concisão, a coesão na condição mais extrema. **Angústia** tem esse formato. O romance se constrói na circularidade, porque podemos perceber que o protagonista inicia a história consciente do seu passado, fazendo com que o enredo se encontre entre início e fim e, também, fim e início.

O percurso analítico para os estudos literários que fizemos diz respeito a esse passado em choque com o presente. Luís da Silva busca, na narrativa, evidenciar cada ação e descrição, porque ele precisa entender como chegou ao assassinato de Julião Tavares. Essa autorreflexão do protagonista coloca a narrativa em combustão. Ora a vida lhe apresenta uma cidade medíocre e provinciana, ora a vida lhe leva a sua cidade sertaneja. No romance, os espaços são encontro opostos, mas também se completam, fazendo emergir um passado recortado de dor e violência.

“Palavras antigas, esquecidas, voltavam-me” (RAMOS, 2013, p. 182). Esta fala do narrador protagonista nos mostra a passagem que o fluxo de consciência atravessa o pensamento de Luís da Silva. E esse atravessamento está sob o domínio desse narrador, que insiste em construir a narrativa a partir da memória e da expressão direta dos estados mentais.

A novidade do estilo literário de Graciliano Ramos implica na linguagem. Contrário às formas clássicas tradicionais, o escritor alagoano assume uma escrita objetiva e coesa, fugindo dos detalhismos da descrição das cenas, do ambiente e das personagens para impor à linguagem “despojada de qualquer enfeite, evitando as imagens, como quem, andando, evita os buracos. Por vezes, a frase é tão tensa, tão estirada, que lembra a corda retesada de um violino” (SOUZA, 2013, p. 235).

Na verdade, a impressão que tivemos ao termos contato com a obra é que de todas as forma a literatura nos provoca impactos. Muitas vezes a leitura deste romance implicou em sinais de desamparo e solidão, como se o leitor, de repente, fosse um Luís da Silva. Isso é assustador, mas acontece. Nosso envolvimento com a obra provocou profundas marcas internas e externas, experiências particulares e coletivas. Se são efeitos da leitura literária, ainda não sabemos. E não é possível aqui ampliar a discussão sobre isso. Mas é importante dizer da imensa felicidade de termos nos deparado com o romance *Angústia*, apresenta a um grupo de alunos no NELA-Núcleo de Estudos e Pesquisa em Literatura Alagoana, em 2017.

No projeto *A cidade puída de Graciliano Ramos, o caso do romance Angústia*, podemos analisar a construção do narrador protagonista, das personagens, do espaço e do enredo, frente aos estudos sobre literatura, cultura e modernidade. Este trabalho é, então, fruto de pesquisas que envolvem o PIBIC UFAL, com orientação do Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva, e outros colaboradores do grupo de estudos.

Assim, acreditamos que esta pesquisa é o início de um trabalho maior que pretendemos analisá-lo mais adiante em um curso de especialização ou em um curso de mestrado. Acreditamos, por fim, que os estudos em literatura buscam trilhar um estudo sistemático, científico e credibilizado a partir de obras da literatura brasileira, como buscamos fazer neste trabalho.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. Resenha. Boletim de Ariel, 1936, p. 42-3, Ano VI, n. 2. In: RAMOS, Graciliano. **Angústia** (75 anos). Ed. Comemorativa. Rio de Janeiro: Record, 2013.

BASTOS, Alcmeno. Graciliano Ramos e a “coisa observada e sentida”. In: MARCHEZAN, Luiz Gonzaga & TELAROLLI, Sylvia (Org.). **Faces do narrador**. Araraquara: Laboratório Editorial/FCL/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2003.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1985.

_____. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOSCO, João & BLANC, Aldir. De frente pro crime. In: **Disco de ouro**. Rio de Janeiro: RCA, 1977. Disponível no site: <https://www.youtube.com/watch?v=mqawHN5LxUQ>. Acesso em set./2021.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1985.

BUENO, Luíz. **Uma história do romance de 30**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

CANDIDO, Antonio. **Textos de intervenção**. Seleção, apresentação e notas de Vinícius Dantas. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2002.

_____. **Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2012.

CUNHA, Eneide da Silva. **O foco narrativo em Angústia, de Graciliano Ramos**. Dissertação de Mestrado. 89 p. Programa de Pós-Graduação em Letras. UFPB/CHLA. João Pessoa, 2006.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2002.

CARPEAUX, Otto Maria. Visão de Graciliano Ramos. In: RAMOS, Graciliano. **Angústia** (75 anos). Ed. Comemorativa. Rio de Janeiro: Record, 2013.

GIMENEZ, Ervin Torraldo. **Graciliano Ramos: uma poética da insignificância**. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10395/12102> Acesso em 02 de agosto de 2013.

GULLAR, Ferreira. O cotidiano menor em *Angústia*. In: RAMOS, Graciliano. **Angústia** (75 anos). Ed. Comemorativa. Rio de Janeiro: Record, 2013.

HOMEM, Homero. **República de letras: entrevistas com grandes escritores brasileiros**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, p. 197-210.

LARA, Ivone & CARVALHO, Délcio. **Sonho meu**. CD álbum Ivone Lara. Som Livre, 2019. Disponível no site: <https://www.youtube.com/watch?v=f7KT1OaPEcg>. Acesso set./2021.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. **O foco narrativo**. São Paulo: Ática, 2007.

LIMA, Roberto Sarmiento. Águas, cordas e cobras na cidade graciliânica. In: **Leitura**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Nº temático: Literatura e urbanidade. Faculdade de Letras, n. 37-38, jan./dez. 2006. Maceió: Edufal, 2007.

LINS, Álvaro. Conteúdo e forma enriqueceram a literatura brasileira. In: RAMOS, Graciliano. **Angústia** (75 anos). Ed. Comemorativa. Rio de Janeiro: Record, 2013.

RAMOS, Graciliano. **Angústia** (75 anos). Ed. Comemorativa. Rio de Janeiro: Record, 2013.

SANTIAGO, Silvano. Pós-facio. In: RAMOS, Graciliano. **Angústia** (75 anos). Ed. Comemorativa. Rio de Janeiro: Record, 2013.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2007.

SOUZA, Octavio Tarquinio de. Resenha. In: RAMOS, Graciliano. **Angústia** (75 anos). Ed. Comemorativa. Rio de Janeiro: Record, 2013.